



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

Maissa Taís da Silva Bonfim

**TERRITÓRIO *ENTREMEADO*: ESPAÇOS DA MEMÓRIA E
TRAVESSIAS IDENTITÁRIAS EM *PONTE DO GALO* E *ÓRFÃOS
DO ELDORADO***

Castanhal-PA

2018

MAISSA TAÍS DA SILVA BONFIM

**TERRITÓRIO *ENTREMEADO*: ESPAÇOS DA MEMÓRIA E TRAVESSIAS
IDENTITÁRIAS EM *PONTE DO GALO E ÓRFÃOS DO ELDORADO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras, Campus Universitário de Castanhal, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras, Licenciatura e Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. Alex Santos Moreira.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Alex Santos Moreira
Universidade Federal do Pará- UFPA (Orientador)

Prof. Me. André Luis Valadares de Aquino
Universidade Federal do Pará- UFPA (Avaliador)

Prof. Me. Huarley Mateus do Vale Monteiro
Universidade Estadual de Roraima- UERR (Avaliador)

Monografia examinada em 26 de março de 2018.

A Jesus, espelho onde projeto e organizo meus conflitos identitários.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Eterno, por estar sempre comigo e permitir que se cumprisse mais esta etapa em minha vida. A Ele toda honra e toda glória.

Ao meu sempre amado Thiago, esposo e amigo, pelas orações e pelo incentivo do início ao fim dessa jornada. Companheiro desta e de outras conquistas.

Aos meus pais, Bonfim e Fátima, pelos atos de amor e pelo apoio incondicional em todos os momentos de minha vida.

Aos meus irmãos, Mickey e Marília, minhas cunhadas e sobrinhos queridos, pela grande torcida. Sempre levarei vocês comigo por onde andar.

Aos meus sogros, Sr. Antônio e Sr.^a Diana Telma, pelo apoio e carinho de sempre.

A Alex Moreira, pela orientação e leitura atenta, por sua disponibilidade e contribuição generosa que me ajudaram a trilhar os caminhos desta pesquisa.

Às minhas mais que amigas, as “Manas” Geisiane, Izabella, Jackeline, Luanna e Savannah, pela amizade sincera construída durante todos esses anos. Sempre grata a Deus por florir o meu jardim com essas preciosidades.

À turma de Letras 2013, pelos anos de convivência e de muitos conhecimentos compartilhados, e a todos os professores que contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal.

A todos os meus familiares e amigos que, de alguma forma, estiveram e estão comigo na realização deste sonho.

*Deitou-se no soalho a olhar pelo buraquinho onde, quando guri,
ficava com a sua linha conversando com os peixinhos, lá de
baixo, tempo de cheia, tempo de Maninha e Andreza, tempo em
que o irmão, rompendo o lamaçal, o seu e o dos caminhos, ia
ver Irene. Olhou, e lá estava, embaixo, no seco, o menininho
pescador. Rapaz e menino se miravam.*

(Dalcídio Jurandir, 1971)

*[...] Até quando minha vida vai permanecer neste marasmo?
Para onde olho, qualquer lugar que meu olhar alcança,
Só vejo minha vida em negras ruínas
Onde passei tantos anos, e os destruí e desperdicei.*

(Milton Hatoum, 2008 – Trecho do poema *A cidade*, 1910)

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	O ROMANCE COMO REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA E IDENTIDADE NA AMAZÔNIA.....	12
3	DALCÍDIO JURANDIR E MILTON HATOUM, INTERPRETES DA AMAZÔNIA.....	22
4	DAS TRAVESSIAS: MEMÓRIA E IDENTIDADE EM <i>PONTE DO GALO E ÓRFÃOS DO ELDORADO</i>	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERÊNCIAS.....	48

RESUMO

No presente trabalho, objetivamos fazer uma análise sobre os processos de formação identitária na Amazônia, a partir do estudo comparativo das obras *Ponte do Galo* (1971), de Dalcídio Jurandir e *Órfãos do Eldorado* (2008), de Milton Hatoum. Para tanto, com o enlace temático entre memória e identidade, pretendemos mostrar como as relações e deslocamentos dos sujeitos-protagonistas dessas narrativas refletem um território amazônico plural e heterogêneo. Conscientes da existência de uma tradição literária de representação amazônica, apoiamos-nos em pesquisadores como Ana Pizarro (2012), Marli Furtado (2002), Edilson Pantoja (2006), José Alonso Freire (2006), Maria Zilda Cury (2007), dentre outros, com o objetivo de entendermos como as obras de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum se deslocam na contramão dessa lógica, desestabilizando conceitos associados a uma noção de identidade plena e una. Propomos ainda, a partir da perspectiva teórica de Stuart Hall, em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2015), uma leitura da construção das identidades das personagens nas narrativas que, articulada a uma dimensão subjetiva temporal desses sujeitos, são sempre postas em questão. Tendo em vista a noção destacada por Hall de uma crise dos valores identitários, cujos referenciais encontram-se em processo de fragmentação, entendemos que tanto Jurandir quanto Hatoum, não somente reconstróem marcas identitárias locais, como também esfacelam essas marcas mediante a condição em que se colocam suas personagens, como sujeitos descentrados, tal qual se observa no contexto da pós-modernidade.

Palavras-chave: Identidade. Memória. *Ponte do Galo*. *Órfãos do Eldorado*.

ABSTRACT

In the present work, we aim to analyze the processes of identity formation in the Amazon, based on the comparative study of the works *Ponte do Galo* (1971) by Dalcídio Jurandir and *Órfãos do Eldorado* (2008) by Milton Hatoum. For this, with the thematic link between memory and identity, we intend to show how the relations and displacements of the protagonist subjects of these narratives reflect a pluralistic and heterogeneous Amazonian territory. Conscious of the existence of a literary tradition of Amazonian representation, we support researchers such as Ana Pizarro (2012), Marli Furtado (2002), Edilson Pantoja (2006), José Alonso Freire (2006), Maria Zilda Cury (2007), with the objective of understanding how the works of Dalcídio Jurandir and Milton Hatoum move against this logic, destabilizing concepts associated with a notion of full identity and one. We also propose, from the theoretical perspective of Stuart Hall, in his book *The cultural identity in postmodernity* (2015), a reading of the construction of the identities of the characters in the narratives that, articulated to a temporal dimension of these subjects, are always put in question. In view of Hall's notion of a crisis of identity values, whose references are in the process of fragmentation, we understand that both Jurandir and Hatoum not only reconstruct local identity marks, but they also smash these marks through the condition in which their characters are placed as decentred subjects, as seen in the context of postmodernity.

Keywords: Identity. Memory. *Ponte do Galo*. *Órfãos do Eldorado*.

1 INTRODUÇÃO

Em tempos tão instáveis a percepção que cada um tem de sua identidade encontra-se cada vez menos definida. O universo ficcional de *Ponte do Galo* (1971) e *Órfãos do Eldorado* (2008) permite refletir sobre tais valores de natureza social e existencial, que se desenvolvem em meio às transformações ocorridas interior e exteriormente ao sujeito localizado num contexto sócio-cultural fragmentado.

Neste trabalho, ao acompanharmos a escritura de Dalcídio Jurandir (1909-1979) e Milton Hatoum (1952-) nos movimentamos em um terreno pleno de conflitos, principalmente, identitários. Personagens descentradas, provisórias, que colocam em cena os processos de construção e desconstrução identitária na Amazônia. É por meio dessa realidade complexa e contraditória que projetamos nosso olhar para as obras aqui escolhidas como *corpus*.

No livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2015)¹, Stuart Hall afirma que os referenciais tradicionais, antigos valores morais e éticos, são abalados pelas transformações ocorridas na contemporaneidade. Isso tem resultado em profundas mudanças na sociedade, nas suas formas de percepção do mundo e de si. O sujeito visto antes como unificado torna-se fragmentado. Novas identidades estão surgindo e deslocando as estruturas e referenciais que ancoravam e davam estabilidade ao mundo social, provocando no indivíduo o que o teórico define como “crise de identidade”.

Na perspectiva dos estudos da teoria social, Hall (2015) distingue três concepções de identidade: a do *sujeito do Iluminismo*, onde o indivíduo é visto como ser totalmente centrado e unificado; a do *sujeito sociológico*, em que a identidade é formada na interação entre “eu” e a sociedade, tornando-se ambos mais unificados ainda; e a do *sujeito pós-moderno*, caracterizado como não tendo uma identidade única, essencial ou permanente². Correspondente a isto, o sujeito que antes tinha uma identidade bem definida passa então assumir “identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente”³ e que estão sujeitas a transformações, incorporações e até perdas.

¹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12ª. Ed. - Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

² *Ibidem*, p. 11.

³ *Ibidem*, p. 12.

Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum, ao trazerem para o centro de suas narrativas aqueles que durante muito tempo foram ignorados pela história (negros, índios, imigrantes), também colocam em cena sujeitos em plena dinâmica de constituição do “eu”, deslocados de uma fixidez identitária.

É a partir desse contexto que o trabalho aqui proposto se delinea, numa articulação entre identidade e memória, veremos como a construção identitária da personagem dalcidiana e da hatouniana é forjada. Sendo este o fio tecido para entrelaçarmos ambas as narrativas e que nos conduzirá a uma comunicação entre elas e os estudos realizados por Stuart Hall (2015) sobre a noção de identidade no contexto da pós-modernidade. Neste sentido, desde já esclarecemos que a nossa intenção não é de afirmar *Ponte do Galo* e *Órfãos do Eldorado* como romances pós-modernos, mas, sim, apresentar possíveis leituras desses aspectos na obra.

Partindo de tais considerações organizamos este trabalho em três seções. Na primeira apresentaremos, inicialmente, uma breve contextualização sobre a Amazônia brasileira enquanto construção discursiva. Recorreremos especialmente aos estudos de Ana Pizarro em *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização* (2012)⁴, que retrata sobre a ocupação simbólica da região, desde a época de seu descobrimento até a contemporaneidade. Veremos, nesse contexto, que alguns escritores, como no caso de Dalcídio Jurandir (1909-1979) e Milton Hatoum (1952-), rompem com uma tradição de ficção amazonense constantemente marcada pelo exotismo e mistério. No universo ficcional desses romancistas a Amazônia passa a ser vista como um discurso em construção, reveladora de identidades marcadamente heterogêneas.

Ainda nesta seção observaremos o trabalho de Jurandir e Hatoum com o relato memorialístico. Em *Ponte do Galo* e *Órfãos do Eldorado* a memória não se refere apenas às recordações afetivas, mas se constitui como espaço questionador e reflexivo da(s) identidade(s). Nessa parte da pesquisa, os conceitos de João Tedesco (2014), Margarida Neves (1998), Maurice Halbwachs (2006) e Norberto Bobbio (1997), foram valiosos para desenvolvermos nossas reflexões em torno das obras aqui escolhidas. Esses referenciais teóricos contribuíram, entre outros aspectos, para compreensão dessa estrutura memorialística que se configura nos romances de Jurandir e Hatoum.

⁴ PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização*. Tradução de Rômulo Monte Alto. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

Na segunda seção, propomos realizar um pequeno estudo da recepção crítica das obras de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum, onde, inicialmente, será feita uma síntese da contextualização literária desses autores. Num segundo momento, partindo da análise de como procedeu a construção dessa recepção em torno de Jurandir e de seus romances, os estudos de Marli Furtado (2002), Pedro Maligo (1992), Edilson Pantoja (2006) e Alex Moreira (2015) nos ajudarão a refletir sobre o caráter inovador da obra dalcidiana que, apesar dos prêmios, ainda não foi devidamente reconhecida no âmbito do cenário literário brasileiro.

Do mesmo modo, Luiz Henrique Gurgel (2008), Stefania Chiarelli (2007), Noemi Vieira (2007), Maria Zilda Cury (2007) e Allison Leão (2011), são alguns dos pesquisadores que contribuíram para nossas leituras acerca da recepção crítica das obras de Hatoum. Escritor consagrado, o manauense é visto hoje como um dos grandes nomes da literatura contemporânea brasileira.

Na terceira seção, dedicada à análise das obras *Ponte do Galo* e *Órfãos do Eldorado*, serão observadas questões que, segundo a proposta desse estudo, dizem respeito ao processo de rememoração e busca identitária realizado segundo as condições e propósitos de cada protagonista. Os subsídios teóricos aqui apresentados serão acrescidos às nossas leituras somente quando necessários ao complemento e melhor esclarecimento das questões levantadas pelo próprio texto.

Como veremos, nos dois enredos analisados, a condição fronteiriça e ambivalente que delinea o perfil identitário das personagens Alfredo, do romance dalcidiano, e Arminto, do romance hatouniano, coloca em evidência, ainda que ficcionalmente, sujeitos deslocados e em constante conflito com seu espaço individual e coletivo.

2 O ROMANCE COMO REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA E IDENTIDADE NA AMAZÔNIA

Vista como um espaço diversificado e extremamente complexo, as ideias de uma Amazônia selvagem, hostil e exótica, marcaram os discursos sobre a região ao longo de décadas. Esse território cobiçado e continuamente explorado, desde os tempos de sua colonização até o presente século, tornou-se a principal personagem de um grande número de escritores, cientistas, viajantes e historiadores que buscaram entender e narrar sobre o mundo amazônico e seus modos de vida.

Historicamente, a trajetória imaginária e discursiva da Amazônia começa a existir a partir dos relatos descritos no início de sua colonização, quando viajantes europeus – portugueses, espanhóis, ingleses, franceses – iniciam suas explorações pelas terras amazônicas. Ao longo dos séculos XVI e XVII, as primeiras crônicas de viagem começam a produzir imagens de uma Amazônia exótica e bárbara e, a partir desses discursos, um imaginário coletivo em torno dos seus rios, floresta e habitantes/ índios começa a ser construído. Surge uma grande variedade de textos informativos, cartas e crônicas na tentativa de legitimar entre um discurso e outro os processos de “descoberta” e “civilização” dos povos da floresta. Magali Bueno (2002)⁵, em seus estudos sobre essa representação amazônica, destaca que:

A construção do imaginário sobre a Amazônia, a partir do século XVI – que era, então, uma imagem associada ao Novo Mundo, e não a Amazônia especificamente – foi estruturada, inicialmente, a partir de narrativas. As imagens eram criadas a partir da fusão de formas e paisagens já conhecidas com as informações já obtidas a partir dos relatos sobre o Novo Mundo.⁶

Essa Amazônia “inventada” e não “descoberta” pelos europeus, conforme também destacou a escritora amazonense Neide Gondim (1994)⁷, sempre participou da constituição do imaginário amazônico forjado e reinventado ao longo dos anos. O interesse estrangeiro pelas riquezas incontáveis do “Novo mundo” rendeu uma herança discursiva que perpetuou por toda literatura ficcional póster e, em diferentes registros e estilos, ajudou a traçar uma fisionomia turva da vida amazônica a partir de uma ótica

⁵ BUENO, Magali F. *O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa*. Universidade de São Paulo – SP: 2002.

⁶ *Ibidem*, p. 03.

⁷ GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

ornamental de sua natureza: às vezes revelada como monstruosa e infernal; às vezes como misteriosa e paradisíaca.

Segundo Ana Pizarro, em *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização* (2012)⁸, o discurso do europeu sobre a Amazônia se fez, principalmente, através da assimilação dos vários elementos simbólicos atuantes no cenário amazônico, via um universo mítico que correspondia as carências e expectativas do invasor. De acordo com a autora, o resultado disso foi

a elaboração de textos com elementos em comum, cujas relações representam as formas dos imaginários da sociedade europeia em determinadas condições de existência. Este discurso constituiu um *corpus*, que surgiria a partir da interação do novo ocupante – espanhol, português, holandês, inglês, francês – com o meio. Não era um discurso inocente, procedia de um ponto de vista, de uma história e suas necessidades.⁹

Neste contexto, a narração da selva tornou-se matriz essencial dos mais variados relatos. Desde a leitura dos textos fundacionais até a contemporaneidade, as imagens do Paraíso Terrestre, do Inferno verde e do Eldorado articulam-se “num imaginário que incorpora as vidas individuais ao destino do povo”¹⁰. Toda essa herança simbólica e material, operada na construção de uma representação amazônica, tem encontrado na literatura um estímulo permanente para manifestação desse imaginário.

A partir do século XVIII, com a fase de intensa exploração e descobertas das riquezas da floresta “os discursos sobre a Amazônia se transformam”¹¹. A região é vista sob uma nova perspectiva e a relação homem/ natureza, colonizador/colonizado repercute com certo pessimismo no cenário literário dos séculos seguintes. O ideal de exaltação diante do novo é substituído por um tom de denúncia diante do real conhecimento das condições de miséria e atraso social vividos no interior da Amazônia. Ao longo do século XIX, com as publicações das prosas de ficção e dos primeiros romances de expressão amazônica, as marcas da modernização que atravessaram a região passam a ser vistas mais de perto e as dissonâncias históricas de uma época de intensa exploração humana e natural passa a ser razão literária desses novos discursos.

⁸ PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização*. Tradução de Rômulo Monte Alto. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

⁹ *Ibidem*, p. 33.

¹⁰ *Ibidem*, p. 194.

¹¹ *Ibidem*, p. 41.

O avanço das fronteiras extrativistas amazônicas, à época do auge da exploração da borracha, transformou permanentemente a região e prefigurou um rico repertório de representações ficcionais do ciclo da borracha, do seu auge a sua decadência. Destaca-se, a partir de então, a figura do seringueiro como personagem central da exploração humana nos seringais amazônicos. É nesse período que começamos a ouvir vozes distintas¹², no qual temos a primeira tentativa de criação de um espaço literário mais plural e representativo da complexa realidade de uma região em sua diversidade social e cultural.

Rafael Voigt Leandro (2014)¹³, em sua tese sobre os ciclos ficcionais da borracha, destaca que na obra *Cenas da vida amazônica* (1886), de José Veríssimo, já era possível verificar a narrativa dos seringais representada em seus textos, ainda que sem traços fortes¹⁴. Desse memorial do ciclo gomífero, ficções como *A selva* (1901), de Ferreira de Castro; *Inferno verde*¹⁵ (1908), de Alberto Rangel; *Terra de Icamiba* (1931), de Abguar Bastos; integraram um quadro de produções literárias determinantes para a definição de uma nova visão da realidade do espaço amazônico. E, principalmente com a publicação de *À margem da história* (1909)¹⁶, de Euclides da Cunha, a evidência de um projeto estético fundamentado no resgate do seringueiro e na denúncia social ganha traços mais fortes.

À medida que o século XX avança, essas representações literárias passam assumir novas perspectivas que, de certa forma, quebram com aquela tradição literária formada na primeira fase do ciclo ficcional da borracha. Escritores como Dalcídio Jurandir (1909-1979), Márcio Souza (1946) e Milton Hatoum (1952) descrevem uma Amazônia diferente, colocam em cena aspectos inerentes à decadência desse ciclo gomífero e o vazio herdado pela sua ruína. Seus protagonistas transitam nessa zona conflituosa, onde o fenômeno memorialístico delinea suas novas identidades em formação.

¹² PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização*. Tradução de Rômulo Monte Alto. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012; p. 34.

¹³ Para uma leitura mais abrangente sobre esse período literário veja a tese de VOIGT LEANDRO, Rafael. *Os ciclos ficcionais da borracha e a formação de um memorial literário da Amazônia*. Brasília-DF: 2014.

¹⁴ *Ibidem*, p. 23.

¹⁵ Obra composta de onze contos ambientados na Amazônia e prefaciada pelo amigo Euclides da Cunha.

¹⁶ Obra ensaística, publicada postumamente, que evidencia um quadro trágico da Amazônia, sua natureza e suas ocupantes.

É na memória que toda consciência do passado se funda, conforme destacado por David Lowenthal (1981)¹⁷, é por meio das lembranças que resgatamos a “consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado.”¹⁸

Na ficção brasileira contemporânea, a memória apresenta-se como elemento importante de observação. É um processo, através do qual, o *Sujeito* - real ou ficcional - recorre para fazer suas análises de um passado que marcou ou que marca sua própria história. Por vezes, nesse olhar lançado ao passado, memórias e espaços caminham juntos “[...] como que organizando referenciais que permitem se agarrar a tempos e lugares móveis, à existência de um vivido anterior e interior.”¹⁹

Os conceitos e significados sobre memória são vários e abrangentes, de acordo com Margarida Neves (1998), na memória “[...] se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos”²⁰. Considerando esse variado elenco, cabe ressaltar que o enfoque dado à memória no presente estudo visa a compreensão dos processos identitários construídos nas obras *Ponte do Galo* (1971) e *Órfãos do Eldorado* (2008), bem como, suas relações com o passado através da ativação da memória – individual ou coletiva – das personagens. Enfatizamos ainda, que não cabe aqui uma compreensão dos “fatos relatados” a partir de uma exatidão histórica da realidade, mas sim, por meio de um caráter mimético, imitativo, à seleção romanesca.

A memória se constitui como atividade que trabalha essencialmente com o tempo e o espaço. É, pois, um vetor de mudança, ao mesmo tempo em que é um espaço configurador de experiências. Nas relações mediadas pela memória, as experiências individuais são conduzidas, sutilmente, ao diálogo com experiências coletivas. Funcionando, assim, como via de mão dupla que possibilita diversas formas de trânsito entre um espaço e outro.

Nesse sentido, o sociólogo Maurice Halbwachs²¹ destaca que a memória individual não se desvincula da memória coletiva, o que faz com que o sujeito busque

¹⁷ LOWENTHAL, David. *Como Conhecemos o Passado*. Projeto História (17). São Paulo: EDUC, 1981.

¹⁸ *Ibidem*, p. 75.

¹⁹ TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: Temporalidade, Experiência e narração[recurso eletrônico]*. 2. ed. – Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2014; p.303.

²⁰ NEVES, Margarida de Souza. *História e Memória: os jogos da memória*; p. 218.

²¹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006; p 73.

nas lembranças do outro, impressões que ajudem a reconstruir o seu passado. Entretanto, conforme apontado por Milton Hatoum, a memória “[...] não recupera o passado com exatidão: lembra e deslembra, diz e desdiz, afirma para negar ou contrariar”²², ela é “o lugar da hesitação, o móvel da imaginação”²³. Logo, ao atravessar por esses diversos jogos de recordação e temporalidades, o sujeito poderá questionar as ordens em que vive, ordens móveis que nunca estão postas em sua totalidade, apenas fragmentária.

Experimentar a ausência de origem ou se defrontar com a sedimentação das próprias referencialidades constitui localização fértil no cenário pós-moderno. Quando o indivíduo se deixa atravessar por essas inquietações, o trânsito entre territórios e culturas diversas também o acompanham. Nesse contexto, em um mesmo ambiente mesclam-se diferentes povos, línguas e costumes, que dialogam e trocam experiências uns com os outros. E, nessas relações de correspondência mútua e significativa, a revisitação ao passado permite ao sujeito se desfazer e refazer no curso das temporalidades de sua vida. As experiências, encontros e junções de imagens também o ajudarão nessas travessias dos limites frágeis do *eu*.

Nessa perspectiva, estabelecendo uma ligação entre rememoração e busca identitária, percorreremos as obras de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum, dedicando-nos a investigação e leitura dos processos de construção identitária realizados através daqueles que protagonizam cada uma das narrativas em estudo. Por meio de um retorno no tempo e espaço, os conflitos e angústias diante do mundo que os cercam evidenciam um sujeito deslocado e em conflito consigo mesmo, vivendo sob uma crescente crise identitária.

Ponte do Galo (1971), escrito por Dalcídio Jurandir (1909- 1979), e *Órfãos do Eldorado* (2008), de Milton Hatoum, são narrativas que abarcam famílias e cenários em desintegração. Na ficção dalcidiana a interrogação identitária de Alfredo emerge em quase todos os enredos pertencentes ao seu ciclo romanesco²⁴. Em *Ponte do Galo*, sétimo livro desta saga de Jurandir, é narrado o retorno de Alfredo à vila Cachoeira, após regressar de seus estudos na capital Belém. Um desencantamento generalizado

²² HATOUM, Milton. *Contra o cinismo e o conformismo*. Entre Livros: São Paulo, Ano II, n. 17, p. 26-27, set. 2006.

²³ *Idem*, *Ibidem*.

²⁴ Exceção de **Marajó**, publicada pela primeira vez em 1947, segundo romance de Dalcídio Jurandir, e que não dá continuidade à trajetória do protagonista Alfredo, que participa de todos os outros nove romances pertencentes ao ciclo.

acompanha o protagonista neste retorno a casa de seus pais. Nesse romance, destaca-se uma fase estilizada de Alfredo, onde o mesmo faz um mergulho no passado na tentativa de reencontrar sua unidade perdida.

Essa perspectiva memorialística também é sublinhada em *Órfãos do Eldorado*, trama novelística de Hatoum. Para além das singularidades de cada narrativa, temos aqui um sujeito que também mergulha num plano pretérito de sua vivência em busca de uma autoaceitação. Arminto, narrador- protagonista, é quem narra sua própria história de filho excluído pelo pai e órfão de mãe. Reelaborando acontecimentos traumáticos de sua vida, seu relato se desenha seguindo o curso da memória, de maneira que o objeto narrado nunca é concreto e tudo é percebido através de uma ótica turvada, que muitas vezes omite fatos e gera incertezas.

Dessas errâncias participam tanto a narrativa de Jurandir quanto a de Hatoum. Suas ficções são englobadas por uma subjetividade que se processa em deslocamentos vários, figurando uma “multiplicidade desconcertante e cambiantes de identidades possíveis”²⁵. No romance *Ponte do Galo* evidencia-se uma desestruturação do *eu* seguida de uma ruptura forçada com sua identidade antiga que, conseqüentemente, acaba por provocar um estranhamento de si. Alfredo vive esse estranhamento logo que retorna ao chalé dos seus pais, ao se deparar com objetos e espaços que o fazem reviver momentos de sua infância. Tentando resgatar aquele que foi um dia, acaba não reconhecendo este que é no presente.

Paralisado pelas lembranças do irmão morto, Alfredo se percebe paralisado também num tempo passado, tempo da recordação. Estacionado por alguns instantes nessa atmosfera de convívio e perda do irmão, Alfredo estica o cordão de suas memórias, percorrendo espaços do chalé e da vizinhança em Cachoeira, mais especificamente, objetos, lugares e sujeitos já conhecidos. O diálogo na casa de dona Dadá, as conversações na *taberninha* com o seu Salu, somam-se aos outros testemunhos que Alfredo foi colhendo em suas andanças pela vila, dos quais, buscou recompô-los através da análise de seus fragmentos, na tentativa de reconstruir referências do seu passado fundamentais ao reconhecimento de si.

²⁵ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006; p.12.

A partir daí, entremeado ao relato das personagens temos um narrador que também participa dos testemunhos. Por vezes, os fatos ora são ouvidos, ora acrescidos de suas descrições ou apenas fruto de observações e reflexões. Assim, naturalmente, a voz do narrador onisciente funciona como uma ponte de acesso livre entre o leitor e as reflexões que a personagem realiza sobre si mesmo. Nessas movências da fala própria e alheia, temos um protagonista em busca de elucidações, que acaba por esbarrar na traição da memória que oscila entre revelação, hipótese e omissão.

A memória, por sua vez, mesmo que não apreendida em sua totalidade, configura um caminho possível para o sujeito transitar entre as temporalidades de sua vida e remexer em acontecimentos recalcados ou esquecidos. Tal percurso, desencadeado em meio a conflitos humanos, funciona também como um meio pelo qual o sujeito pode reinscrever seu presente. Sobre essa perspectiva, Norberto Bobbio (1997) destaca que:

O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos [...] e nele reconstruir nossa identidade.²⁶

Nesse sentido, mesmo de forma abstrata e figurativa, é pela via memorialística que Alfredo empreende uma busca para se chegar ao conhecimento de um *si mesmo*, consoante às palavras de Bobbio, a memória para ele é também lugar de refúgio, espaço de reconstrução identitária.

Uma mãe alcoólatra, um pai indiferente, a morte precoce do irmão e a perda recente da irmã, são fantasmas que acompanham o menino em sua trajetória de vida. Desde o início da narrativa, Alfredo experimenta um misto de solidão e desassossego que fica cada vez mais condensado ao passo que se aproxima o dia do retorno do estudante à capital, que agora é vista com olhos de desencanto.

Nesse processo de elaboração interna em que Alfredo se encontra, seus deslocamentos podem ser percebidos também como um convite para o lendário e crenças populares – a cobra socuba, o pé de maniva, o velho e a folha do lilás – que

²⁶ BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

demarcam a vida dos moradores de Cachoeira do Arari. Por intermédio dessas vozes diversas revelam-se aspectos da cultura popular, assim como se descortina a miséria e ruína em que os habitantes da vila se encontravam. E assim, participando dessas relações culturais e sociais, que de alguma forma agem como possibilidade de resgate e direção a essa construção identitária, Alfredo vai se moldando em novas identidades “[...] que não são unificadas ao redor de um *eu* coerente”²⁷ e estão sempre *em curso*.

No enredo de *Órfãos do Eldorado* temos um narrador protagonista que também se encontra diante de uma crise identitária, em busca de uma interpretação de si. Vagando pelo plano instável da memória, Arminto, filho único de Amando Cordovil, se vê diante da necessidade quase incontrolável desse recuo no tempo – “Hoje, as lembranças chegam com força. E são mais nítidas”²⁸. O narrador- personagem, já em idade avançada e com fama de louco, narra a história de sua vida colocando em xeque a sua própria constituição identitária.

Ao longo da narrativa, Arminto revisita o seu passado e desvela seus dramas familiares a um ouvinte desconhecido. Com a morte da mãe após seu nascimento, o protagonista passa a conviver com um pai que não consegue lidar com fato de ter perdido a mulher amada, acontecimento que faz com que pai e filho desenvolvam uma relação ressentida por anos de indiferença e exclusão. Aqui, se observa uma complexa relação que envolve aspectos obscuros e conflitantes da vida da personagem e sua busca por respostas às inquietações vividas na ruína do presente.

Na iminente ausência de tudo – amor, família, amigos – experimentada pelo protagonista de *Órfãos do Eldorado*, temos um sujeito em busca de respostas existenciais nas temporalidades de sua vida. Dessa forma, descobrindo a história do seu passado e de sua família, revela-se também a deterioração da personagem, com suas referencialidades identitárias diluídas no tempo que passou. Nesse contexto, reiterando os estudos de Bergson acerca dessa dinâmica do rememorar, Ecléa Bosi (2009) interpreta que:

Pela memória, o passado não só vem á tona pelas águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A

²⁷ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006; p.13.

²⁸ HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. 2008; p. 21.

memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.²⁹

Nessa ida ao passado de Arminto, esse conflito cronológico se manifesta de maneira intensa, como o próprio protagonista afirma, a cada dia que passa suas lembranças tornam-se mais vivas, ficando difícil mantê-las no passado. Diante do cenário labiríntico em que suas lembranças vão surgindo, se estabelece também uma dimensão mítica - Cidade encantada; Eldorado - que revela-se, pouco a pouco, incorporada a própria vida desse narrador.

Isso fica retratado em seus relatos sobre a personagem Dinaura, a moça misteriosa que morava no Convento das Carmelitas. Depois de enfrentar muita resistência Arminto e Dinaura iniciaram um namoro de poucos encontros e que foi interrompido pelo sumiço da amada. Logo, o desaparecimento de Dinaura passa a ser associado a uma história que Arminto ouvira na infância e que revelava a existência de uma *Cidade Encantada* submersa no rio Amazonas. Com o passar do tempo, porém, essa possibilidade acaba sendo descartada e o protagonista constata que havia sido abandonado por Dinaura.

A partir dessa constatação, percebemos a desconstrução irônica do mito amazônico sobre o *Eldorado*, ao mesmo tempo em que se revela a busca incessante da personagem por explicações das razões de ser e estar no mundo. Nesse sentido, o mito enquanto dimensão simbólica de uma realidade vivida e transmitida numa temporalidade passada se renova no presente contado “[...] ao mesmo tempo em que cria ou estabelece relação da identidade do homem com o mito, como forma de explicar sua existência e a existência da própria sociedade”³⁰. Com isso, o contato de Arminto com essas narrativas míticas surge também como uma possibilidade de reconhecimento de *si* e de sua história, como interpretações às supostas verdades buscadas, uma tentativa de preencher as lacunas em meio às passagens recordadas.

Sob o impacto de uma indefinição identitária, falência material e emocional, o protagonista de *Órfãos do Eldorado* submete suas vivências do passado ao crivo de sua experiência atual, com o propósito de moldar-se em novas faces ou novas identidades. Diante disso, as referências históricas ou míticas ressaltadas pela memória do narrador,

²⁹ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994; p. 46-47.

³⁰ OLIVEIRA, Sebastião M.; LIMA, Antonia S. *O mito na formação da identidade*. P. 09.

funcionam como parte desse processo de identificação, ao mesmo tempo em que sinaliza seu esforço em tentar compreender as incompletudes e indeterminações vividas por ele.

Quando se observa os processos de construção identitária das personagens nas ficções em estudo, é possível reafirmar os múltiplos desdobramentos espaciais – sejam históricos, míticos, culturais ou geográficos – como partes integrantes desse processo. E, ao serem colocados sobre o plano instável da memória e de um tempo ido, delineiam o perfil transitório, indeciso e fragmentado da identidade dos sujeitos que protagonizam cada um dos enredos aqui estudados.

Nessa operação de trazer o passado à tona, as instâncias da memória e identidade estão intimamente ligadas aos espaços da narrativa. Em *Ponte do Galo* as descrições de casas com poucos móveis, ambientes em ruínas, povoam a narrativa como que tentando descrever o interior daqueles que ali habitam. Em *Órfãos do Eldorado* esses “espaços” em ruínas se estendem a todo um cenário urbano, que acaba por configurar uma degradação desses lugares e do próprio sujeito. Ambas as narrativas, em suas particularidades, assinalam em seus enredos espaços degradados, marcados por experiências dolorosas de relações familiares partidas e falidas emocionalmente.

Uma análise correlacional entre os espaços da memória e os processos de construção identitária torna-se substancial em nossos estudos para se chegar a uma compreensão das correspondências entre as personagens e os elementos externos a elas. Nesse sentido, é válido destacar que o estudo da configuração espacial nas obras citadas será realizado conforme o movimento das personagens em cada narrativa. Como já mencionado, nossa pretensão maior é mostrar essas obras enquanto espaços de representação identitária, que trabalham nos vestígios da memória e desvelam experiências conflitantes de sujeitos sempre incompletos frente às suas referencialidades.

No interior das ficções dalcidianas e hatounianas, as formulações identitárias constituem-se nas situações sociais cotidianas. Nelas, as experiências de vida traçadas pelas personagens colocam em xeque a causa das identidades plenas e unificadas. Das obras estudadas, sobressai um sujeito, conforme aponta Hall, confrontado “por uma

multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis”³¹, das quais são fragmentarias em sua multiplicidade, incompletas e em constante processo de formação.

Envolvidos nessa busca pessoal por identificação, essas personagens assumem papéis de filhos, estudantes, empregados, agregados, de indivíduos fora do eixo, tentando definir suas origens e seu lugar social no mundo. Trata-se de obras que promovem pertinentes discussões a respeito do caráter plural e fragmentário das identidades na Amazônia, cenário propício a negociações e trocas culturais que resultam da coexistência entre povos de diferentes etnias – índios, negros, brancos – que compõem essa região.

3 DALCÍDIO JURANDIR E MILTON HATOUM, INTERPRETES DA AMAZÔNIA

O mundo amazônico criado por Dalcídio Jurandir (1909- 1979) e por Milton Hatoum (1952) representa, de maneira própria, o drama íntimo e universal da experiência daqueles que habitam a região amazônica. Esses escritores, apesar de cronologicamente distanciados, mantêm entre si pontos de contato. Suas ficções revelam-se como lugar discursivo múltiplo, repleto de questionamentos em torno das relações sociais e políticas de toda uma coletividade envolvida em um espaço-tempo decaído e excludente.

Tendo em vista esse contexto, apresentaremos aqui um breve mapeamento da crítica literária em relação às narrativas de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum. Esses romancistas, deixando de lado uma tradição de representação literária amazônica, marcada pela protagonização da floresta, focalizam os conflitos, desigualdades, ambições, memórias, solidões e transformações do homem que habita esse espaço e tantos outros espalhados por toda região brasileira. No caso de Dalcídio, veremos que esse imaginário cultural e crítico que se desvela no universo particular de suas personagens, acabaram passando despercebidos por boa parte da crítica de seu tempo.

³¹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006; p.13.

No ano de 1909, em Ponta de Pedras, na ilha do Marajó (PA), nasceu Dalcídio Jurandir, filho de Alfredo Pereira e Margarida Ramos. O paraense estudou o primário na capital Belém e aos dezoito anos mudou-se para o Rio de Janeiro, aonde veio a falecer, no ano de 1979. Segundo Alex Moreira (2015), o escritor “participou ativamente da vida intelectual e literária brasileira; ora militando pelo PCB e escrevendo reportagens criticando a política fascista nacional, ora envolvendo-se na política literária”³².

Além de escritor, jornalista e ativista político, enquanto romancista, Dalcídio dedicou-se a falar das gentes da Amazônia. Na década de 40, com sua primeira obra *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), o autor inicia seu projeto literário, no qual outros nove romances vieram a compor a saga do *Extremo Norte*³³, são eles: *Marajó* (1947); *Três casas e um rio* (1958); *Belém do Grão Pará* (1960); *Passagem dos inocentes* (1963); *Primeira manhã* (1968); *Ponte do Galo* (1971); *Os habitantes* (1976); *Chão dos Lobos* (1976); e *Ribanceira* (1978). Obras que, nas palavras de Benedito Nunes:

[...] integram um único ciclo romanesco, quer pelas personagens quer pelas situações que os entrelaçam e pela linguagem que os constitui, num percurso de Cachoeira na mesma ilha-cidade de sua infância e juventude – a Belém, onde o autor viveu antes de transferir-se para o Rio de Janeiro.³⁴

Ao longo de sua carreira e de suas publicações, Jurandir conquistou alguns prêmios, como: a primeira colocação do concurso literário *Vecchi- D. Casmurro*, em 1940; os prêmios *Paula Brito*, da biblioteca do Estado de Guanabara, e o *Luiz Cláudio de Souza*, no ano de 1960, criado pelo Pen Club do Brasil; e o prêmio *Machado de Assis* da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra, no ano de 1972. Mesmo com todo esse reconhecimento, sua consistente produção literária passou praticamente despercebida pelo grande público.

Além disso, na historiografia literária brasileira Dalcídio acabou sendo enquadrado entre aqueles vistos como periféricos, como “[...] mais um nome entre outros ficcionistas, geralmente entre aqueles designados regionalistas [...]”³⁵. Segundo

³² MOREIRA, Alex S. A crítica literária aos romances *Chove nos Campos de Cachoeira*, *Marajó* e *Três Casas e um Rio* na imprensa do Rio de Janeiro. Universidade Federal do Pará. Belém: 2015; p. 46.

³³ Em 1959 Jurandir publicou *Linha do Parque*, romance de cunho sociopolítico, não incluso no “Ciclo”, em que o autor se dedica a falar sobre o movimento operário do Rio Grande do Sul.

³⁴ NUNES, Benedito. *Dalcídio Jurandir: As oscilações de um ciclo romanesco*. In *Asas da palavra*, V. 08, N. 17. Belém-PA: UNAMA, 2004; p. 15.

³⁵ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997; p. 252.

Marli Furtado (2002), poucos foram os estudiosos que se debruçaram sobre a ficção dalcidiana “[...] sem cair nas classificações rápidas e generalizantes em que, parece, caíram alguns historiadores de nossa literatura”³⁶. Nesse sentido, escapando aos perigos dessas limitadas classificações, Furtado (2002) destaca que a obra de Dalcídio já iniciou “fraturando o modelo que se tornou trivial [e], prossegue até os anos setenta, rompendo também com as possíveis versões populistas geradas nesse momento no quadro cultural brasileiro”³⁷.

Quase meio século depois da estreia de Dalcídio Jurandir no cenário literário nacional, o escritor manauense Milton Hatoum (1952-) inicia sua carreira como romancista. Nascido no dia 19 de agosto de 1952, em Manaus, o escritor é filho de um imigrante libanês e uma brasileira do Amazonas. No ano de 1967, mudou-se para Brasília para estudar, morou também em São Paulo e EUA. Escritor, professor, tradutor e romancista, Hatoum atualmente reside em São Paulo e dedica-se a escrita de seus textos.

Com o seu romance de estreia *Relato de um certo Oriente* (1989), Hatoum conquista o prêmio Jabuti de “melhor romance” (1990). Muito bem recebido pelo público e crítica especializada, o autor ganha reconhecimento e destaque no campo literário contemporâneo. Com outras cinco obras, publicadas até o presente, o escritor segue com seu projeto literário. São elas: os romances *Dois irmãos* (2000) e *Cinzas do Norte* (2005); a novela *Órfãos do Eldorado* (2008); o seu primeiro livro de contos, *Cidade ilhada* (2009); e *Um solitário à espreita: crônicas* (2013). Três vezes vencedor do prêmio Jabuti, Hatoum foi ganhador também de outras premiações, tais como, a da Associação Paulista dos Críticos de Artes, Prêmio Bravo e Prêmio Portugal Telecom.

De fato, conforme sublinha José Alonso Freire (2006), “pela força e consistência de seus romances e pela refinada técnica de elaboração de seus mundos ficcionais, sua obra já merece figurar entre aqueles grandes escritores nacionais”³⁸. Temos no universo amazônico recriado por Hatoum, corroborando as palavras de Freire (2006), personagens e narradores marcados por um desenraizamento, que buscam reconstruir, pelos fragmentos de sua memória, um passado já perdido. A visão crítica dos efeitos

³⁶ FURTADO, Marli Tereza. *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Universidade Estadual de Campinas. Campinas- SP: 2002; p. 243.

³⁷ *Ibidem*, p. 263.

³⁸ FREIRE, José A. T. *Entre construções e ruínas: uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum*. Universidade de São Paulo – SP: 2006; p. 167.

destruidores de um “progresso” desordenado acaba afetando, de alguma maneira, todas as suas personagens³⁹.

Trata-se de um escritor que coloca em evidência questões que envolvem a identidade nacional, forjada e traduzida num discurso que a caracteriza fragmentada e pluralista, à semelhança do que propôs Dalcídio Jurandir em seus romances. Nesse sentido, compreendemos que no universo narrativo desses escritores interagem memórias, linguagens e vivências coletivas que funcionam como veículo de representação dessas identidades e das mais diversas culturas que integram a região amazônica.

A recepção crítica de Dalcídio Jurandir

As primeiras publicações romanescas de Dalcídio Jurandir (1909- 1979) foram marcadas por um referencial crítico pouco numeroso e que, por vezes, negligenciou o projeto literário do autor, ainda em formação. Joanita de Oliveira (2015), ao realizar breve investigação sobre a recepção crítica da obra dalcidiana nessa primeira fase, destaca que o escritor era visto “como só mais um nome entre outros ficcionistas”⁴⁰, enquadrado junto àqueles escritores classificados como “regionalistas, neorregionalistas, realistas, neorrealistas, modernistas do Norte”⁴¹. Note-se que o perfil do romancista, na época, é desenhado grosseiramente, dentro de uma perspectiva literária que já se encontrava esgotada e sem maiores novidades.

Quando *Chove nos Campos de Cachoeira* foi publicada pela primeira vez, no ano de 1941, a ficção brasileira vinha passando por significativas mudanças. Ao falar da consagração crítica dessa obra e o contexto em que ela surgira, Alex Moreira (2014) destacou que o decênio de 40 foi marcado por uma fase de inflexões no contexto literário brasileiro e que essa foi uma época em que “o romance social, em voga desde o início de 1930, entrou em declínio”⁴². Nesse sentido, ainda de acordo com as palavras de Moreira (2014), o cenário literário nacional passou por uma reconfiguração,

³⁹ *Ibidem*, p. 168.

⁴⁰ OLIVEIRA, Joanita Baú de. *As mil e uma noites de aninga e lama de Dalcídio Jurandir: a trajetória de aprendizado de um herói mestiço*. – Recife: O Autor, 2015; p. 28.

⁴¹ *Ibidem*, p. 28.

⁴² MOREIRA, Alex S. *A consagração crítica de Chove nos Campos de Cachoeira na imprensa do Rio de Janeiro*; p. 02.

principalmente no âmbito da ficção romanesca, que foi levada a um processo de redefinição do gênero⁴³.

Participantes dessas mudanças, mas ainda presos a uma leitura própria da época, alguns críticos custaram a reconhecer o valor literário dessa nova tendência do romance moderno que vinha surgindo no contexto brasileiro. É o que se nota na crítica nada positiva de Álvaro Lins (1941), apresentada no *Correio da manhã*, sobre o primeiro romance de Jurandir:

O que falta ao livro do sr. Dalcídio Jurandir é a realização literária, é o domínio do material romanesco, é a consciência mesma da sua obra [...] Ele não conseguiu apreender a verdadeira mobilidade de uma língua, as invocações naturais e necessárias que uma linguagem livresca pode suportar por efeito da linguagem falada habitualmente. Contudo, o seu livro [*Chove nos campos de Cachoeira*] revela uma espécie de força espiritual que deve ser devidamente considerada. Uma força ainda bárbara e caótica, mas que poderá um dia apresentar resultados surpreendentes.⁴⁴

Visto como um crítico literário consagrado em sua época, Álvaro Lins atribui ao romance inicial de Jurandir uma vaga e, de certa forma, equivocada análise de sua obra. Suas avaliações, apesar de importantes na composição do cenário crítico das produções dalcidianas, parecem não ter conseguido abranger o significado da obra do escritor e seu trabalho com a linguagem que, conforme descrito por Oliveira (2015), trata-se de uma criação artística própria, um trabalho de remodelagem da língua portuguesa através da fala cabocla⁴⁵.

Ainda nessa perspectiva, Moreira (2014) afirma que “as acusações de romance bárbaro e caótico, regionalista e naturalista evidenciam uma crítica literária na qual ainda predominava a polarização ideológica, que caracterizou a literatura de 30, e que não compreendeu a técnica narrativa de Dalcídio Jurandir”⁴⁶.

Para Pressler (2012), essa perspectiva crítica pouco abrangente, em parte, parece ter contribuído para que o destino da obra desse grande autor fosse colocada em

⁴³*Ibidem*, p. 03.

⁴⁴ LINS, Álvaro. *Romances de concurso*. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 27, set. 1941. Crítica literária, p. 2.

⁴⁵ OLIVEIRA, Joanita Baú de. *As mil e uma noites de aninga e lama de Dalcídio Jurandir: a trajetória de aprendizado de um herói mestiço*. – Recife: O Autor, 2015; p. 26.

⁴⁶ MOREIRA, Alex S. *A consagração crítica de Chove nos Campos de Cachoeira na imprensa do Rio de Janeiro*; p. 10.

“posição subalterna no cenário da literatura brasileira”⁴⁷. Conforme ele mesmo destacou, a narrativa moderna de Jurandir, certamente “[...] estava além do horizonte de expectativa da crítica em meados do século XX, ainda presa a um determinado tipo de regionalismo do romance social. A narrativa inovadora e moderna não foi percebida e valorizada.”⁴⁸.

Outros breves registros críticos sobre Dalcídio, feitos por nomes já consagrados da literatura brasileira, como BOSI (1981), MOISÉS (1989), COUTINHO (1998), se propuseram a classificar a obra desse autor junto a corrente literária dos ditos regionalistas. Nessa perspectiva, sem maiores destaques, o escritor passou a figurar no cenário literário brasileiro como um romancista de “um regionalismo menor, amante do típico, do exótico, e vazado numa linguagem que já não era acadêmica”⁴⁹.

Massaud Moisés (1989), como poucos de sua época, consegue destacar características importantes do mundo ficcionalizado na série *Extremo Norte* e descreve:

Painel da terra e gente do Marajó e Belém do Pará, a série define-se como romance rio, ou melhor, uma novela-rio, por sinal desensolarada à beira-do-rio. Vasta narrativa de aprendizagem, obedece ao fluxo histórico do tempo, com personagens recorrentes, em meio a outras, que saem de cena após cumprir seu papel. Oscilando entre o documentário e a autobiografia, colocando lado a lado as notas psicológicas e as líricas, narra a trajetória existencial de um menino pobre, mestiço, que pouco a pouco descobre o mundo e suas injustas discriminações. O homem perante o universo natural e citadino, num diálogo dramático que a progressiva tomada de consciência dos problemas sociais aguça, eis, em síntese, a substância desse ciclo torrencial, apaixonado, estuante de vida e movimento [...] ⁵⁰

Apesar de mostrar aspectos relevantes da produção dalcidiana, Massaud Moisés ainda traz em seu discurso a matiz regional em que alguns historiadores literários tentaram encaixar a obra de Dalcídio. Ao relacionar a “literatura empenhada” de Dalcídio com a produzida na mesma época, Marli Furtado (2002)⁵¹ destaca que:

Como os bons autores dos decênios de 30 e 40, ele transcende a fronteira do mero enquadramento como escritor regionalista menos pelo enfoque do regional do que pela análise crítica das relações sociais, ao plasmar heróis agônicos em tensão contínua, seja com o

⁴⁷ PRESSLER, Gunter k. *Dalcídio Jurandir – João Guimarães Rosa. A crítica literária diante da nova feição regionalista*. Asas da Palavra. Belém: UNAMA, 2012; p. 128.

⁴⁸ *Ibidem*, idem.

⁴⁹ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 481–482.

⁵⁰ MOISÉS, Massaud. 1989; p. 251-2 apud FURTADO, Marli T. *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Universidade Estadual de Campinas- SP: 2002; p. 14.

⁵¹ FURTADO, Marli T. *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Universidade Estadual de Campinas- SP: 2002.

universo derruído em que se encontram, seja com eles mesmos, devido às dores universais humanas.⁵²

Em importante estudo sobre a trajetória do herói dalcídiano, a pesquisadora nos traz maiores elucidações em relação à produção literária do romancista. Sobre essas declarações que insistem em fixar Dalcídio como um escritor regionalista, Furtado (2002) argumenta que a técnica usada pelo autor “quebra em sua obra o tom naturalista a que se associa muito do que foi produzido no Brasil dentro dessa linha.”⁵³ Ainda segundo seus estudos, o jogo com o tempo articulado a mistura de vozes e monólogos interiores também distanciam suas narrativas desse contexto.

Nessa perspectiva, correspondente aos aspectos singulares do mundo amazônico criado por Dalcídio, o ensaio de Pedro Maligo (1992)⁵⁴ mostra ser o tempo um dos principais eixos que orienta essa realidade na obra do paraense. Segundo o pesquisador, esse eixo temporal se divide em:

[...] tempo material e tempo idealizado, subdividindo-se cada qual em passado e presente, nota-se que tais unidades mantêm uma relação assimétrica, de vez que o elemento correspondente ao passado idealizado recebe pouca atenção. Uma vez que o assunto principal de Jurandir é a vida entre as camadas sociais mais pobres, o tempo material presente é o tempo da narração dos eventos ou descrição de estados associados com uma realidade econômica difícil.⁵⁵

Maligo (1992) observa ainda "um sentimento de desconforto existencial que atravessa a vida de personagens para as quais o passado representa um fechamento, algo que não pode ser recuperado nem como escape do presente, nem como solução econômica possível."⁵⁶ A estrutura de todo *ciclo* romanesco é, assim, composta por essa alternância temporal e, embora não haja esperança de recuperação desse passado, Jurandir abre a possibilidade de idealização pela voz de personagens individuais – especialmente, Alfredo. Este, além de uma consciência externa, busca um reconhecimento de si. À medida que vai se estabelecendo as ligações entre as histórias de toda uma coletividade, gradualmente, vamos conhecendo os dramas existências de cada indivíduo que convive nesse pedaço da Amazônia e para além dele.

⁵² *Ibidem*, p. 18.

⁵³ *Ibidem*; p. 246.

⁵⁴ MALIGO, Pedro. *Ruínas idílicas: a realidade amazônica em Dalcídio Jurandir*. São Paulo-SP: Revista USP, n. 13, 1992.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 03.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 04.

Desse modo, como destacado por Furtado (2002), sem se sujeitar a normas pré-estabelecidas, Dalcídio se tornou cantor de "uma aristocracia de pé no chão", não mais posta em confronto com a natureza grandiosa, mítica e invencível na maioria das vezes⁵⁷. Nos dez volumes de *Extremo Norte* ele representou seu próprio mundo amazônico, “derruído” e nada misterioso, com extensões que ultrapassam a fronteira das meras descrições locais.

A recepção crítica de Milton Hatoum

Com um bom acolhimento do público e crítica, o escritor amazonense Milton Hatoum (1952-) tem se destacado entre os já consagrados romancistas do cenário literário contemporâneo. Com um arquivo literário bastante apreciado, suas produções recebem a atenção de estudiosos e críticos literários, com diferentes hipóteses e abordagens que se estendem desde interpretações de um *regionalismo revisitado*⁵⁸ até referências temáticas sobre *memória e identidade*.

Dentre as diversas perspectivas de estudo que o leitor-crítico da obra hatouniana pode empreender, de acordo com Daniel Piza⁵⁹, é preciso também considerar duas importantes tendências literárias brasileiras que o escritor amazonense entrelaça em suas narrativas: a “urbano-intimista” de Raul Pompéia e “a natural épica” de Euclides da Cunha, autores que leu ainda na sua época de Ginásio no D. Pedro II. Conforme o dizer do crítico:

A primeira é definida pelos atritos psicológicos, muitas vezes desenredados de qualquer contexto histórico social, salvo como pano de fundo. A segunda é definida pelos limites ambientais muitas vezes determinantes dos comportamentos individuais, subprodutos rasos.⁶⁰

Alfredo Bosi (2006), em *História Concisa da Literatura Brasileira*, fazendo referência à ficção literária do final do século XX, tece alguns comentários sobre a escrita de Milton Hatoum e o seu romance de estreia. Expandindo ainda mais o horizonte de reconhecimento do escritor em âmbito nacional, Bosi ressalta:

Quem supunha, por exemplo, que da Amazônia só nos viessem episódios de seringueiros ou de índios massacrados, por certo recebeu

⁵⁷ FURTADO, Marli T. *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Universidade Estadual de Campinas- SP: 2002; p. 17.

⁵⁸ Para melhores esclarecimentos sobre o tema ver: PELLEGRINI, Tânia. *Milton Hatoum e o regionalismo revisitado*. Luso-Brazilian Review: University of Wisconsin, v. 41, n. 1, 2004.

⁵⁹ PIZA, Daniel. Perfil Milton Hatoum. In: *Arquitetura da memória: ensaios sobre romances Dois Irmãos, Relatos de um certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/ UNINORTE, 2007.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 17.

com surpresa o texto em surdina de Milton Hatoum, *Relato de um certo Oriente*, em que a vida de uma família burguesa de origem árabe, enraizada em Manaus, se dá ao leitor como um tecido de memórias, uma sequência às vezes fantasmagórica de estados de alma, que lembra a tradição do nosso melhor romance introspectivo.⁶¹

Dentre os muitos pesquisadores que se dedicam a estudar as obras hatounianas, envolvidos por esse *tecido de memórias*, conforme descreve Bosi (2006), ou no emaranhado de outros temas que suas obras propõem, temos: Luiz Costa Lima, com seu ensaio crítico *A ilha flutuante* (2002); Maria Zilda Ferreira Cury, com os artigos *De Orientes e relatos* (2000) e *Fronteiras da memória na ficção de Milton Hatoum* (2003); Maria da Luz Pinheiro de Cristo, com a obra *Arquitetura da memória* (2007); Daniela Birman, em sua tese *Entre-narrar: Relatos de fronteira em Milton Hatoum* (2007); Tânia Pellegrini, com o seu artigo *Milton Hatoum e o regionalismo revisitado* (2004); Stefania Chiarelli, em *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum* (2007).

No conjunto de sua obra, o manauara Milton Hatoum encena o convívio de famílias que vivem na região Norte, especialmente em Manaus. Deixando em segundo plano a simples descrição da paisagem natural, Hatoum ficcionaliza em seus romances⁶² retratos de uma sociedade situada entre o final do século XIX e início do século XX, no período pós-guerra “quando as estruturas econômicas, que antes pareciam consolidadas, sofrem um terrível abalo com a derrocada econômica na região”⁶³. Nesse sentido, segundo a pesquisadora Maria Zilda Cury (2007)⁶⁴, a Manaus ficcionalizada pelo escritor, além de despida de exotismo:

[...] apresenta-se mesmo como incaracterística e tristemente semelhante a qualquer região periférica e pobre do planeta [...] Cidade tentacular e devoradora, exhibe a degradação dolorosa de sua população nativa. Os homens, confundidos ao lixo urbano; a cidade, transformada no corpo em chaga dos seus habitantes.⁶⁵

⁶¹ BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43^a ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

⁶² Como nos três primeiros romances do escritor *Relato de um certo Oriente* (1989), *Dois irmãos* (2000) e *Cinzas do Norte* (2005).

⁶³ SILVA, Joana da. *Relações de Gênero no romance de Milton Hatoum*. Universidade Federal de São João Del-Rei: 2011, p. 18.

⁶⁴ CURY, Maria Zilda Ferreira. Entre o rio e o cedro: imigração e memória. In: *Arquitetura da Memória: ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente, Dois Irmãos e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*, (org.) Maria da Luz Pinheiro de Cristo. Editora Valer, Oficina das Artes, Manaus, 2007.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 171.

Alguns estudiosos veem nessa escrita de Hatoum particularidades que ainda o aproximam da estética regionalista, como no caso de Tânia Pellegrini (2004)⁶⁶, que em seu ensaio crítico sobre os dois primeiros romances do escritor faz referência a um “regionalismo revisitado” presente em suas obras. Trata-se aqui, repetindo o termo empregado por Pellegrini, de uma *revisitação* a temática do regional numa dimensão bem particular traçada pelo autor. Segundo a estudiosa, acompanhado de um “certo exotismo”, esse *regionalismo revisitado* percebido na ficção de Hatoum, consiste:

[...] numa mescla de elementos que brotam de todos os matizes de uma matéria dada por uma região específica, com outros advindos de matrizes narrativas de inspiração europeia e urbana, formadoras da nossa literatura, tudo filtrado por um olhar que contém horizontes perdidos num certo Oriente e num outro tempo⁶⁷.

Sendo essa uma das considerações mais rebatidas por Hatoum, o tema do regionalismo já foi apontado pelo próprio escritor como uma literatura já esgotada há muito tempo. Em entrevista concedida a Julian Fuks, o romancista afirma que “[o] regionalismo é uma visão muito estreita da geografia, do lugar, da linguagem. É uma camisa de força que encerra valores locais”⁶⁸. Para o autor penetrar em questões locais e nos dramas familiares é o que fundamenta seus discursos narrativos e permitem que os mesmos alcancem um valor universal.

Sem requerer aqui algum tipo de negação ou afirmação da perspectiva regionalista na obra hatouniana, visto que, preferencialmente, nossa opção é pela breve leitura dos estudos críticos sobre a ficção de Hatoum nos seus mais variados enfoques para, então, observá-lo enquanto interprete da Amazônia. Seguimos, a considerar outras abordagens da obra do romancista.

O estudioso Allison Leão (2011)⁶⁹ define a obra de Hatoum totalmente fora de um alcance particularmente regional e afirma que suas narrativas não decorrem de uma postura *imitativa*, mas, *representativa* do espaço amazônico, sendo que estas representações estão sempre a mercê das oscilações interpretativas de cada narrador. Segundo o crítico,

⁶⁶ PELLEGRINI, Tânia. *Milton Hatoum e o regionalismo revisitado*. Luso-Braslian Review: University of Wisconsin, v. 41, n. 1, 2004, pp. 121-138.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 129.

⁶⁸ HATOUM, Milton. *Cinzas que queimam*. (Entrevista concedida a Julian Fuks). Folha Ilustrada. Jornal Folha de São Paulo, 13 de agosto de 2005.

⁶⁹ LEÃO, Allison. Milton Hatoum: Regionalismo revisitado ou renegado? In: XII Congresso Internacional da ABRALIC : Centro, centros – Ética, estéticas. UFPR – Curitiba, Brasil: 18-22 de julho de 2011.

Por conta do esvaziamento do interesse regionalista de descrição do meio natural em sua obra, a representação da natureza amazônica nem de longe é facilmente capturável nos romances de Hatoum (especialmente nos dois primeiros). Fica por conta de breves passagens, em muitas das quais os personagens, ao invés de delinear aspectos fisionômicos da natureza, permitem-se conduzir pelo estatuto do estranhamento, da incerteza e da imprecisão.⁷⁰

Essa experiência subjetiva da qual participa as personagens hatouniana é incerta e estranha, conforme Leão (2011) descreve, e tem na memória – por vezes distorcida, labiríntica, nunca completa – um caminho possível para os deslocamentos e errâncias desses sujeitos. Destacando os dois primeiros romances de Hatoum, Maria Cristo, em passagem introdutória da obra *Arquitetura da Memória* (2007)⁷¹, diz:

Em maior ou menor escala, os textos passam pela questão da memória. As discussões contemplam vários modos de aproximação com as ruínas, as imagens, os sentidos, os objetos, os lugares, o esquecimento, sua construção ou reconstrução. Conseqüentemente, focam-se a perda, a destruição e o desaparecimento.⁷²

Em entrevista a Luiz Henrique Gurgel (2008)⁷³, o próprio romancista considera não existir literatura sem memória e, segundo ele, ao se trabalhar com o relato memorialístico não são as lembranças pontuais e nítidas que importam o que interessa mesmo “é a memória desfalcada, a memória não lembrada. Isso é bom para a literatura porque aí é que se instala o espaço da invenção.”⁷⁴

Stefania Chiarelli (2007)⁷⁵, no ensaio “*Vidas em trânsito – as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*”, ao falar sobre esse caráter retrospectivo na obra de Hatoum, afirma que tal opção parte de uma estratégia narrativa bem própria do autor, usada para exprimir impasses da representação daqueles sujeitos “cindidos, atravessados por diferentes referências culturais”⁷⁶.

Noemi Vieira (2007)⁷⁷, na dissertação “*Exílio e memória na narrativa de Milton Hatoum*”, destaca que esses sujeitos que protagonizam a obra de Hatoum, descentrados

⁷⁰ *Ibidem*, p. 08.

⁷¹ CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. Introdução. In: CRISTO, M. da Luz P. de (org.). *Arquitetura da memória*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/ UNINORTE, 2007, p. 9-14.

⁷² *Ibidem*, p. 09.

⁷³ GURGEL, Luiz Henrique. “Não há literatura sem memória”. *Na ponta do Lápis*. Ano IV, n. 8. AGWM Editora e Produções editoriais, p. 2-4, Junho/2008.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 04.

⁷⁵ CHIARELLI, Stefania. *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. São Paulo: Annablue, 2007.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 39.

⁷⁷ VIEIRA, Noemi C. F. *Exílio e memória na narrativa de Milton Hatoum*. São José do Rio Preto: 2007.

e deslocados em relações as suas próprias definições, empreendem uma busca identitária que,

[...] só é conhecida no discurso narrativo à medida que os narradores vão tecendo suas histórias com o auxílio de vários relatos a respeito de um passado que explica, de certa forma, seu presente e delinea suas identidades. É nesse discurso que se expõem os fragmentos de vidas e de experiências, quando a palavra é cedida a outros personagens imbricados no enredo e no ato de tecer, ponto a ponto, a malha discursiva do romance.⁷⁸

Na confluência desses vários relatos, a ficção hatouniana também é vista como uma forma de representação identitária amazônica que, segundo Lorena Penalva (2015)⁷⁹, se constitui perdida e obscura. Vista sempre como uma marca de impossibilidade. De acordo com a pesquisadora, Hatoum não representa a identidade do sujeito amazônico a partir de restrições ou definições dicotômicas, estereotipadas, que atualmente já se revelam incapazes “de representar a complexidade de uma cultura heterogênea”⁸⁰, da qual participa o homem amazônico. O que se percebe no fazer literário de Hatoum é a criação de personagens cada vez mais inseridos numa zona cultural múltipla e híbrida, que vivem em um presente deslocável, percorrendo na estrutura fragmentária da memória em busca de (re)construir sua identidade, ao mesmo tempo, una e plural.

Por meio das interferências mútuas entre estrangeiros e habitantes nativos, Milton Hatoum busca ressignificar os dilemas vivenciados pelo homem amazônico. Sua maturidade estética conduz-nos a pensar, numa perspectiva mais ampla, sobre os processos de formação cultural e identitária na região Norte do Brasil, a partir de sua condição pluriétnica e seu caráter híbrido. É, também, neste mesmo contexto que a ficção de Dalcídio Jurandir (1909- 1979) vem sendo redescoberta na atualidade. Ao retratar, sobretudo, a realidade do sujeito paraense, o escritor também estabelece um diálogo que busca dar conta dessa construção identitária nacional que outrora se percebia idealizada.

Nesse sentido, parece-nos fundamental considerar que, apesar da produção desses escritores estarem situadas em diferentes épocas⁸¹, suas obras assumem novos

⁷⁸ *Ibidem*, p. 14.

⁷⁹ PENALVA, Lorena de Carvalho. *Hibridismo cultural na Amazônia brasileira: um estudo do romance Cinzas do norte, de Milton Hatoum*. Belo horizonte – MG: 2015.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 38.

⁸¹ O primeiro romance de Dalcídio Jurandir foi publicado no ano de 1941. Mais de quarenta anos depois, em 1989, Milton Hatoum faz sua primeira publicação romanesca.

pactos representativos com a cultura e vivência das gentes da Amazônia. Seja por meio, do negro, do imigrante, do indígena, ou nas consequências dos fluxos interculturais entre o próprio e o alheio, esses escritores constituem uma maneira de traduzir, em suas tramas ficcionais, as vivências humanas que se deslocam nesse contexto nacional múltiplo e para além dele. Ampliando, assim, a visão reflexiva sobre a condição fragmentada dos sujeitos que habitam nessa zona de pluralidades que é o território amazônico.

4 DAS TRAVESSIAS: MEMÓRIA E IDENTIDADE EM PONTE DO GALO E ÓRFÃOS DO ELDORADO

*Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções de tal modo que nossas diferentes identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]*⁸²

*Quantos somos nós depois que fomos?*⁸³

O sujeito do final do século XX, até então configurado como *ser* portador de uma única identidade imutável, tem se tornando cada vez mais provisório e fragmentado. O teórico jamaicano Stuart Hall, em seu ensaio *A identidade cultural na pós-modernidade* (2015)⁸⁴, define a identidade do sujeito contemporâneo (ou *pós-moderno*⁸⁵, como o diz) como “*celebração móvel*”⁸⁶, sempre em processo, em contínua formação. Segundo o autor, na sociedade pós-moderna a imagem totalizante do *Ser* se desfaz e os padrões de referencialidades que antes asseguravam ao indivíduo uma estabilidade no mundo social são abalados. Como destacado nas epígrafes desta seção, em sua multiplicidade, aos quantos que é, o sujeito assume agora “identidades diferentes em

⁸² HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. 12ª. Ed. - Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 12.

⁸³ JURANDIR, Dalcídio. *Ponte do Galo*. São Paulo: Martins; Rio de Janeiro: INL, 1971; p. 04.

⁸⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. 12ª. Ed. - Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

⁸⁵ Stuart Hall (2015) analisa a questão identitária sob a perspectiva histórica, política e social e destaca o termo **pós-moderno** a partir do contexto de intensas transformações ocasionadas pelo impacto dos processos e mudanças ocorridas em meio a chamada globalização. Segundo o autor, “as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas”.

⁸⁶ HALL, Stuart. *Op. cit.*, p. 11.

diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”⁸⁷ e que estão em constante processo de elaboração.

Nesta perspectiva, o próprio processo de identificação, através do qual o sujeito busca um reconhecimento de *si*, pode se tornar provisório, problemático e, algumas vezes, não resolvido ou perdido. É neste cenário, sempre transitório e ambíguo, que as ficções *Ponte do galo* (1971) e *Órfãos do Eldorado* (2008) serão lidas aqui. Em diálogo com as considerações de Stuart Hall (2015) e nos apoiando em alguns estudos acadêmicos, caminharemos pelo terreno instável da experiência subjetiva conjugada pelos sujeitos que protagonizam as obras em destaque. Investigando os processos de (*des*)construção identitária dessas personagens: Alfredo e Arminto Cordovil.

No universo romanesco de Dalcídio Jurandir (1909- 1979) e Milton Hatoum (1952-) a natureza, a comunidade e suas tradições são apresentadas pela perspectiva íntima de cada personagem. Condição esta, que põe no centro de suas ficções as problemáticas vividas pelo homem contemporâneo. Em *Ponte do galo* (1971), sétima obra a compor o *ciclo* romanesco de Jurandir, o protagonista Alfredo encontra-se em uma fase de intensos conflitos identitários. Influenciado pelas experiências vivenciadas nas suas travessias de Cachoeira à Belém, o jovem estudante comporta agora um olhar de desencanto com a capital, marcado pelo sentimento de incompletude que envolve e contamina todo seu interior. O narrador-personagem de *Órfãos do Eldorado* (2008), por sua vez, em uma fase mais madura de sua vida, compartilhando de inquietações semelhantes, realiza ao longo da narrativa um percurso de busca e negação de uma unidade que ainda não foi (e, talvez, nunca seja) estabelecida. Ambos os protagonistas, orientados pelo caos interno de suas fraturas identitárias, realizam uma busca pelo reconhecimento de si a partir de um presente no qual o passado se reitera como caminho possível para (*re*)construir sua história.

No romance *Ponte do Galo* (1971), dividido em dois capítulos não nomeados, a trajetória da personagem central, agora com 17 anos, é marcada por alguns reencontros entre o ginasião e personagens já conhecidos da trama dalcidiana. Ao retornar ao Chalé dos pais, em férias escolares, Alfredo faz um recuo pelas fissuras do tempo, lugares, cheiros e objetos em busca de um caminho qualquer que pudesse redirecioná-lo ao encontro de seu *eu* anterior. Além dos encontros, dos relatos e segredos que são

⁸⁷ Ibidem, p. 12.

revelados a partir deles, destacam-se também, conforme nos aponta Alcir Rodrigues (2009)⁸⁸, os “momentos memorialísticos” do filho do major Alberto⁸⁹. Segundo Rodrigues (2009), nesses episódios:

A mente [de Alfredo] se dispersa e ‘viaja’ para Belém, para suas ruas suburbanas, perdendo-se em digressões, em questionamentos sobre o paradeiro das personagens Luciana e Andreza, sobre Edmundo e sua lenda, a cavalgar no lombo do búfalo e levar embora consigo as moças de Cachoeira, sobre enfim seu desalento com o tipo de ensino obrigado a ‘assimilar’ no ginásio.⁹⁰

No chalé da família, em Cachoeira, as lembranças do último inverno da vida de Eutanázio, preenchendo as primeiras páginas do romance, levam Alfredo a reviver aquelas “quarenta noites” de agonia que precederam a morte de seu irmão. Essa recordação, que conduz a um desnudamento íntimo e sofrido da memória da personagem, revela-nos também um sujeito que mais parece estar deslocado, distante do seu horizonte existencial. Observamos isto na própria atitude da mãe que inquieta “[...] olhava a saleta como se temesse que o filho respirasse ali o destino do morto, se cobrisse de tudo aquilo que cobriu o finado”⁹¹.

O sentido paradoxal da morte, figurado como face dupla do tempo passado e presente, constitui uma das primeiras travessias de Alfredo pelas fronteiras diluídas de sua identidade:

[...] e o velório: palhoças de baixo, pardieiro dos Saraivas, balcão do Salu, sala da Duda, casa do seu Cristóvão, a chuva, o rio, o caminho do irmão rumo de Irene, se reuniam na saleta. Cobrindo o telhado e a agonia, a sombra de Irene grávida. Também Felícia com as suas queimaduras abertas; roendo o catálogo de cores o rato distraído. Agora na saleta, olha a gravata do morto enrolada no cabide como uma cobra, e em cima da estante a cola, o papelão, as aparas de papel colorido com que o irmão fazia as caixas para Irene [...] Trazia do irmão aquele caminhar pelos encharcados da noite, esta saleta cheia dos espantos e das rezas da família de Irene, um homem morrendo de seu orgulho, de seu silêncio e fúria de amar e viver. Mas em velhas horas, pouco antes da doença, os dois conversavam. Tardes, anunciando chuva e vento, os dois conversavam na janela. Eutanázio fazia do irmão o inesperado confidente [...]⁹²

Pela voz de um narrador em terceira pessoa, onisciente, nos é descortinada a atmosfera impregnada de subjetividade em torno das recordações de Alfredo. As

⁸⁸ RODRIGUES, Alcir. *Espaço ficcional no romance Ponte do Galo, de Dalcídio Jurandir*. Universidade Federal do Pará. Belém-PA: 2009.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 54.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 54.

⁹¹ JURANDIR, Dalcídio. *Ponte do Galo*. São Paulo: Martins; Rio de Janeiro: INL, 1971; p. 02.

⁹² *Idem, Ibidem*.

imagens desse passado recente resgatam não só o fim trágico do irmão Eutanázio, como também aquela realidade vivida na *encharcada* vila Cachoeira, espaço de inquietude e mal-estar para o menino. De onde Alfredo sempre desejou partir em busca de traçar um destino diferente daquele que teve seu irmão e então alcançar o sentido da própria vida. Isso implica, segundo Hall (2011), o reconhecimento de que é apenas por meio da relação “com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado positivo “de qualquer termo – e, assim, sua identidade” – pode ser construída.”⁹³

Representar o homem em sua essência implica levar em consideração as condições particulares e coletivas da existência humana. No enredo de *Órfãos do Eldorado* (2008), o protagonista Arminto Cordovil, ao narrar sua própria experiência de vida, pelo fio da memória, busca redefinir traços fraturados de sua identidade. Esse personagem-narrador, já velho e sozinho, relata sua história de vida que oscila entre os fatos rememorados e as lendas amazônicas. Apropriando-se das lembranças que disparam na sua memória⁹⁴ seu relato repercute como forma de retenção de um tempo ido que sempre retorna:

[...] passo a tarde de frente para o rio. Quando olho o Amazonas, a memória dispara, uma voz sai da minha boca, e só paro de falar na hora que a ave graúna canta. Macucauá vai aparecer mais tarde, penas cinzentas, cor do céu quando escurece. Canta, dando adeus à claridade. Aí fico calado, e deixo a noite entrar na vida.⁹⁵

A orfandade materna, a rejeição paterna, que o culpa pela morte da mãe, a relação afetuosa com Florita, a decadência financeira após a morte do pai, o amor nutrido pela misteriosa Dinaura. Todas essas vivências conflituosas e de ausência que marcaram a existência de Arminto, se entrelaçam pelo elemento mítico da lenda do *Eldorado* Amazônico: Cidade encantada, de riquezas infinitas e submersa em algum rio da região. Na novela hatouniana, conforme nos descreve Ana Trevisan (2010)⁹⁶, “o mito se re-atualiza cada vez que sua sequência narrativa é proferida, evocada, recontada e, também, re-vivida em outro tempo, em um tempo presente no qual o passado se repete.”⁹⁷ para compor, então, uma realidade única, o *Eldorado* de cada um.

⁹³ HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 110

⁹⁴ HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008; p. 14.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 14.

⁹⁶ TREVISAN, Ana L. *Tempo mítico e tempo histórico em Órfãos do Eldorado*. Revista FIKR - São Paulo: 2010.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 07.

Neste cenário de contornos míticos vemos um sujeito que, através de seus relatos, tenta abarcar a totalidade de sua existência em ruínas: “[...] Agora sou uma carcaça, mas já fui um jovem vistoso. E ainda tinha posses. Isso conta, não é? Era o que eu pensava [...]”⁹⁸. Ao narrar a um interlocutor desconhecido a sucessão de fracassos pessoais e familiares de sua vida, Arminto Cordovil busca também preencher as lacunas afetivas e identitárias deflagradas pelas linhas de sua memória:

[...] Eu esperava Amando na banquetta do piano. Uma espera angustiada. Queria que ele me abraçasse ou conversasse comigo, queria ao menos um olhar, mas ouvia sempre a mesma pergunta: Passearam? Aí ele se aproximava da parede e beijava a fotografia de minha mãe.⁹⁹

A retomada desse ‘espaço-tempo’ da infância do narrador reflete a fragilidade e ruptura do elo afetivo entre pai e filho. Diante da morte da mãe Angelina, o silêncio e a ausência paterna impõem uma fratura irrecuperável no passado de Arminto: “Até hoje recordo as palavras que me destruíram: tua mãe te pariu e morreu”; “[...] o sofrimento que ele suportava desde a morte dela. Para Amando eu era o algoz de uma história de amor.”¹⁰⁰. Essa culpa involuntária que o protagonista carrega desde seu nascimento, marca todo o percurso de sua vida. O desejo de remissão após tantos anos vivenciando o papel de filho rejeitado parece perto de se cumprir. Passados alguns anos que fora expulso de casa, Arminto retorna à Vila Bela com a expectativa de conversar com seu pai¹⁰¹. Mas, esse encontro não se completa: “Deitado, ele me olhava, o rosto engelhado de dor. Fiquei atrapalhado, massageando seu peito. Depois, o único abraço, no pai morto.”¹⁰². A morte inesperada de Amando interrompe mais este ciclo da vida do narrador. Conforme descrito por Trevisan (2010), a trajetória do protagonista hatouniano “constrói-se à margem da vida: à margem da possibilidade do amor de seu pai e, muitas vezes, à margem da experiência histórica, que sempre está marcada pela ação paterna.”¹⁰³

Mesmo depois de seu falecimento, a figura opressora do pai continua a delinear a vida de Arminto: “[...] O retrato do meu pai na parede parecia me desafiar. Covarde. Não serves para nada. Era a voz de Amando Cordovil. As mesmas palavras. Ou minha

⁹⁸ HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008; p. 40.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 18.

¹⁰⁰ HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008; pp. 16; 27.

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 25.

¹⁰² *Ibidem*, p. 27.

¹⁰³ TREVISAN, Ana L. *Tempo mítico e tempo histórico em Órfãos do Eldorado*. Revista FIKR - São Paulo: 2010; p. 05.

memória repetia o que tinha ouvido tantas vezes?”¹⁰⁴. A morte do pai simboliza, ao mesmo tempo, a continuidade e ruptura dos laços identificadores do narrador, o último herdeiro dos Cordovil.

Ao conceituar nossa relação com o passado, o professor e pesquisador Mircea Eliade, na obra *Mito e Realidade* (2002)¹⁰⁵, afirma que ao remontarmos a ele “[...] a rememoração procura não apenas situar os eventos num quadro temporal, mas atingir as profundezas do ser, descobrir o original [...]”¹⁰⁶. Contudo, ao traçar este percurso de (re)descoberta, reveladora da(s) identidade(s), o sentido dessa travessia reminiscente pode resultar em deriva e indefinição, como ocorre na narrativa hatouniana. Levando para o contexto das ficções escolhidas, uma permanente busca por algo que esta mais além parece condicionar o trajeto dos dois protagonistas (Alfredo e Arminto). É como se desejassem transcender para além de sua própria condição, em busca daquilo ou de algo que ainda não é.

Como se vê, em ambos os romances, o desejo de regresso dos protagonistas constitui-se como um ponto de partida na busca por uma completude e inteireza interna que lhes falta no presente. Em *Ponte do Galo* (1971), além dos encontros e conversas entre Alfredo e personagens familiares, como o tio Sebastião, e alguns conhecidos da pequena vila, como D. Dadá, a prostituta Sabá Manjerona, Didico e o comerciante Salu, destaca-se as incursões do ginásiano pelos espaços do Chalé da família. Este, principalmente, passa a ser abrigo de suas recordações mais íntimas:

Objetos do chalé agora em destaque, lhe transmitiam um tempo que ignorava [...] Pingando da almotolia¹⁰⁷ uma porção de horas que só agora reconhece como tempo. Pelas travessas da parede, corriam osgas atrás de aranha e estas em cima da estante de papel deixavam uma teia onde as outras horas se aninhavam, imaginários brinquedos, unia luz só do chalé, aragens de longe e ali secretas; aquela hora ao pé do tanque cheio, quieto, os dois rostos —Andreza e Alfredo — se mirando, no que ele quis mergulhar o dedo, “não assusta a água”, disse a menina. A almotolia cessou.¹⁰⁸

A sequência desse trecho evidencia a relação de Alfredo com os espaços íntimos do Chalé da família, especialmente, com os objetos que estão ali expostos. Estes, mais do que reunir vestígios do passado e de sua infância, criam a possibilidade de um

¹⁰⁴ HATOUM, Milton. *Op. cit.*, p. 56.

¹⁰⁵ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 108.

¹⁰⁷ **Almotolia**- pequeno vaso com forma cônica e bico estreito usado, sobretudo, para armazenar azeite e outros líquidos oleosos. Disponível em: <https://www.google.com.br/search>

¹⁰⁸ JURANDIR, Dalcídio. *Ponte do Galo*. São Paulo: Martins; Rio de Janeiro: INL, 1971; p. 03.

retorno gradativo até a mais profunda percepção da condição deslocada em que se encontra o protagonista. A casa como lugar privilegiado de suas lembranças, um microcosmo isolado, instável, complexo, mutável, conforme destacado por José Alonso Freire (2006)¹⁰⁹, onde se concentra todas as referências essenciais para a vida de Alfredo.

Esse pequeno mundo à parte, onde o protagonista conviveu toda sua infância, desempenha papel importante na construção de sua percepção de *ser* no mundo. Segundo Edilson Pantoja (2006)¹¹⁰, trata-se da perspectiva de um jovem marcado, descontente com a realidade da qual faz parte e que em toda sua trajetória “lutará com o fim de superá-la, escolhendo-se, projetando-se para além de si mesmo”¹¹¹ e para além do mundo que o cerca.

Em *Órfãos do Eldorado* (2008), a casa também é representada como um espaço que se liga intimamente ao passado do protagonista. A morada natal de Arminto, o *palácio branco*, configura-se como território movediço, lugar por onde transita, ao mesmo tempo, o sentimento de estar e de não pertencer, onde se cruzam esperança e desalento. Esse sentimento paradoxal nutrido pelo narrador-protagonista hatouniano pode ser exemplificado por uma passagem relatada no início da trama:

O palácio branco dos Cordovil é que era uma casa de verdade. Quando decidi viver com minha amada no palácio, ela sumiu deste mundo. Diziam que morava numa cidade encantada, mas eu não acreditava. Além disso, eu andava enrascado, liso que nem pau de sebo. Sem amor e sem dinheiro, e ainda corria o risco de perder o palácio branco. Eu não tinha a obstinação de meu pai. Nem a esperteza. [Amando Cordovil] Era um destemido: Homem que ria da morte.¹¹²

No trecho em destaque é possível conhecer, em síntese, a história de amor e ruína que perpassa toda a história pessoal do protagonista. Após o episódio da morte do seu pai, Arminto conhece a misteriosa Dinaura. Enfeitiçado pela interna do orfanato das Carmelitas, passa a viver entre a realidade e o “idílio” de um amor cego e desesperado, que é interrompido com o sumiço da amada. Quando a notícia de seu desaparecimento se espalhou, os rumores que surgiam em Vila Bela eram de que Dinaura havia sido

¹⁰⁹ FREIRE, José Alonso T. *Entre construções e ruínas: Uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum*. São Paulo- SP: 2006; p. 107.

¹¹⁰ PANTOJA, Edilson. *Morte, desamparo, nihilismo e liberdade: Abalo e entusiasmo ante chove nos campos de cachoeira, de Dalcídio Jurandir*. Universidade Federal do Pará. -Belém-PA: 2006.

¹¹¹ *Ibidem*; p. 50.

¹¹² HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008; p. 14.

atraída por um ser encantado, que ela “estava viva, mas não no nosso mundo” e que “[m]orava numa cidade encantada, com regalias de rainha, mas era infeliz”¹¹³. Arminto passa então a viver em função de reencontrar seu amor, que supostamente estaria morando na cidade submersa.

O último descendente de uma família que acumulou muitas riquezas com a exportação gomífera, não quis acompanhar os sonhos e ambições da linhagem dos Cordovil. O único interesse de Arminto era encontrar e “casar com Dinaura, viajar com ela.”¹¹⁴. Sem medir as consequências de seus excessos e escolhas, gastou toda a herança deixada pelo pai. Arminto se dizia “enjoado de tanto comprar, gastar, farrear, de comer e beber nos melhores restaurantes”¹¹⁵, foram pouco mais de dois meses vivendo assim. E o Palácio branco, lugar da sua infância, não pôde ser conservado, foi “varrido” junto com a fortuna e legado de uma família. Agora, perto do fim de tudo, o narrador hatouniano tinha a consciência de que sozinho “era o passado e o presente dos Cordovil”¹¹⁶.

É diante desse cenário, sobre os escombros do passado que Arminto tenta reconstruir-se, estabelecer-se com uma nova identidade, desvinculada daquela antiga. E, como relatado por Maria Emília Silva (2011)¹¹⁷, tudo isso corrobora “com a imagem da busca pelo encantado, pelo lendário, pelo utópico – é a busca do outro de si”¹¹⁸, de sua unidade perdida.

Na memória, nas falas, nos não-ditos, testemunhamos em ambos os romances a instabilidade de sujeitos que vivenciam uma intensa vontade de encontrar sua suposta inteireza, o “elo-perdido” no descompasso do tempo interno de cada um. Neste sentido, como já constatamos, essa busca perpassa os espaços da infância, das ausências e perdas compartilhadas tanto pela personagem hatouniana quanto pela dalcidiana.

No romance dalcidiano, por meio dessa identificação com o passado é que percebemos mais claramente os dramas de consciência de um adolescente que “segue um caminho de obstinação, de não-aceitação e de perda, de desencontro consigo

¹¹³ *Ibidem*, p. 64.

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 57.

¹¹⁵ HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008; p. 81.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 94.

¹¹⁷ SILVA, Maria Emília M. da. *Do mítico ao imagético: a espetacularização em Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum* In: Revista Kalíope. n° 14. São Paulo: 2011.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 10.

mesmo”, conforme nos diz Rodrigues (2009)¹¹⁹. Sempre dividido entre os espaços de Belém e Cachoeira, Alfredo se desdobra entre o menino e o rapaz sem conseguir conciliar a experiência de sua condição passada com a presente. Deslocado interior e geograficamente, o estudante

[s]aía. Caminhava em si mesmo, assobiando errante como um grilo e apanhava da noite o vôo das marrecas assustadas, vozes e sabores daquele tempo, varava o algodoal brabo em flor beirando o rio, dá com a pitombeira de pitombas tão azedas – isca de tambaqui – como este ano carregou! Lhe dava inveja. Apanha uma, vermelhuda, para sentir o bem azedo gerando orgulho, um desafio, comeu, crispado. Ia pros campos, aterro, igarapé da Chácara, “arco-íris doutro lado, me leva pra onde tudo não é isto [...]”¹²⁰

Ao retornar a Capital, Alfredo leva consigo este mesmo caminhar de Cachoeira. Em Belém, o ginasião aparece em seus vagares incertos e, sem o encantamento de antes, agora percorre pela cidade, “aulas perdidas, cartas para o chalé sem resposta [...]”¹²¹. A personagem central de *Ponte do Galo* (1971) parece seguir em busca de recuperar aquilo que, aparentemente, se encontra perdido: “Não estou atrás só das netas e da senhora, mas da outra ou talvez de mim mesmo, velha avó”¹²². Essa trajetória de encontros e desencontros do protagonista dá indícios claros de sua própria busca identitária. Cruzando os subúrbios da urbe, Alfredo vai além dos limites físicos da cidade à procura de sua unidade:

Do Igarapé das Almas, a pé, até a Ponte do Galo, esta noite, quantos passos? Passos, não. Mas sentimentos, quantos? Quanto Alfredo nascendo morrendo em mim, esta noite, sem que aceite e escolha um, que o outro em mim pressinto ou me atribuo e não é, anda aonde?¹²³

Do conflito em que se percebe o herói dalcidiano, é possível constatar a perda de um “sentido de si” da qual nos fala Hall (2015)¹²⁴. Segundo o autor, como consequência desta perda o sujeito experimenta um “duplo deslocamento”¹²⁵, como acontece com Alfredo, que se vê descentrado tanto de seu lugar no mundo social quanto de si mesmo, vivenciando, assim, uma “crise de identidade”¹²⁶. E é esta que nos demonstra, a partir das mudanças –externas e internas– sofridas pelo protagonista, o processo de

¹¹⁹ RODRIGUES, Alcir. *Espaço ficcional no romance Ponte do Galo, de Dalcídio Jurandir*. Universidade Federal do Pará. Belém-PA: 2009; p. 85.

¹²⁰ JURANDIR, Dalcídio. *Ponte do Galo*. São Paulo: Martins; Rio de Janeiro: INL, 1971; p. 04.

¹²¹ *Ibidem*, p. 68.

¹²² *Ibidem*, p. 69.

¹²³ *Ibidem*, p. 76.

¹²⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12ª. Ed. - Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 10.

¹²⁵ *Idem, Ibidem*.

¹²⁶ *Idem, Ibidem*.

fragmentação da identidade da personagem, o seu caráter sempre provisório e instável. Sua identidade é construída e negociada a todo instante.

Até as últimas páginas do romance, assistimos a esse (*re*)fazer-se e desfazer-se em que se flagra o ginasião, contraditório em sua essência. Que, embora esteja sempre partido ou dividido, persegue o desejo de constituir-se como um si mesmo unificado. Isso ocorre porque, segundo Hall (2015), nós “continuamos buscando a “identidade” e constituindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos “eus” divididos numa unidade”¹²⁷ que se estabeleça na plenitude.

Desse modo, temos em Alfredo e Arminto a imagem do herói pós-moderno que aponta para o perfil conflitivo e transitório da identidade como processo em contínua formação. Como vimos, na perspectiva narrativa de ambos os romances, os sentimentos contraditórios e de incompletude que acompanham essas personagens atuam como força motivadora de seus incessantes retornos à memória na busca de compreender sua própria condição identitária. Nas palavras da pesquisadora Noemi Vieira (2007)¹²⁸, atado a esse desejo de um conhecimento de si, temos a suposição de que “as lembranças refazem-se sob o influxo dos valores do presente e prestam-se ao delineamento desse indivíduo, como ser representado (re-apresentado!) como um outro, um “novo” sujeito”¹²⁹, relido nas experiências passadas e presentes, imprimindo novas identificações.

Essa busca por um sentido de identidade, que move as personagens de Jurandir e Hatoum, envolve também um sentido de lugar que atua como desconstrução da totalidade de um passado já perdido e símbolo de uma decadência acentuada. A Amazônia que surge no universo ficcional desses autores não é aquela que se fez crer hegemônica e de terra farta, mas a que emerge como painel permeado de contradições e conflitos existenciais, na qual o homem vive seus próprios impasses identitários. Estes, estruturados no campo do incerto, provisório e mutável.

Em *Órfão do Eldorado* (2008), Hatoum traz à tona os tempos áureos da borracha em contraste com sua derrocada. Na obra a personagem Arminto representa a

¹²⁷ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12ª. Ed. - Rio de Janeiro: Lamparina, 2015; p. 25.

¹²⁸ VIEIRA, Noemi C. Freitas. *Exílio e memória na narrativa de Milton Hatoum*. Universidade Estadual Paulista. - São José do Rio Preto: 2007.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 140.

decadência final da família Cordovil e de toda uma coletividade inserida nesse processo poucos ganhos e grandes perdas: “Eu me debatia agora com a falta de dinheiro. Andei de bonde pela cidade, vi palafitas e casebres no subúrbio [...] acampamentos onde dormiam ex-seringueiros; vi crianças sendo enxotadas quando tentavam catar comida ou esmolar.”¹³⁰. Pela trajetória da protagonista temos a representação da Amazônia do caos e das contradições sociais que compõem a história de cada sujeito marcado por esse testemunho de crise de um sentido da identidade individual e, ao mesmo tempo, coletiva.

A realidade fraturada do presente e a simbólica do passado se configuram pela narrativa como caminho possível para se pensar a questão da identidade e sua relação com o Outro, constituída de deslocamentos, trocas e rupturas. É justamente nesse movimentar-se impreciso que Arminto se encontra. Ao recordar a leitura de parte do poema grego *A cidade* (1909)¹³¹, traduzido pelo amigo Estiliano, é possível vislumbrar na personagem hatouniana os efeitos da desestruturação identitária aliada a sua complexa relação com o mundo a sua volta: “Vou embora para outra terra, encontrar uma cidade melhor. Para onde eu olho, qualquer lugar que o olhar alcança, só vejo miséria e ruínas”¹³².

A sensação de vazio e de não pertencimento que acompanha o protagonista assinala, com certa ironia, o desejo de muitos seringueiros que chegaram ali com esse mesmo sonho de viver em lugar melhor – numa cidade próspera e encantada, talvez – sem, contudo, conseguir realiza-lo e realizar-se. Nesse sentido, conforme destacado por Lorena Penalva (2015), na poética hatouniana “não há resolução, nem dissolução das problemáticas. O romance é finalizado com morte, falência e ruínas”¹³³.

Dentro desse universo descontínuo e degradante, vemos identidades que estão a todo tempo se constituindo ou se desfazendo. Ao acompanharmos a saga de Alfredo, personagem dalcidiana, vemos não só o retrato de um universo decaído, como também de heróis derrocados¹³⁴. Em *Ponte do Galo* (1971), o autor cria um cenário de desmoronamento do espaço geográfico e, sobretudo, do homem ali inserido. Ao longo

¹³⁰ HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008; p. 57.

¹³¹ O poema de autoria de Konstantinos Kaváfis (1910) consta também como epígrafe da obra.

¹³² HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008; p. 95.

¹³³ PENALVA, Lorena de Carvalho. *Hibridismo cultural na Amazônia brasileira: um estudo do romance Cinzas do Norte, de Milton Hatoum*. Belo Horizonte- MG: 2015; p. 107.

¹³⁴ FURTADO, Marli T. *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Universidade Estadual de Campinas- SP: 2002; p. 124.

da narrativa, deparamo-nos com Alfredo transitando por entre essas ruínas. Na passagem em que o protagonista, “vexado”, entra na venda do seu Salu, o narrador nos revela: “Alfredo via o balcão às mocas [...] aquela taberninha sobre o rio, com os esteios altos na vazante e rentes d’água nas marés de março, vai ao fundo?”¹³⁵.

Indagações como essa percorrem todo o enredo dalcidiano, provocando não somente a dúvida, como também a reflexão sobre a própria condição das personagens e do ambiente em que atuam – num gradativo processo de fragmentação e ruínas. Na segunda parte do romance, marcada pelo retorno de Alfredo a capital Belém, atesta-se a busca que o protagonista empreende de si e a dificuldade em realizar-se nesse caótico e desencantado universo amazônico:

Alfredo compara a solidão dele com a incessante parteira. Aquele ovo, aquela moeda, aquela defesa das netas, incessante, a parteira fedida a partos, a criança verde, aquele ovo era das mães, daquele subúrbio parideiro. E aqui esta gema pelos infernos da adolescência. Caminham na Volta da Tripa a velha parteira e o ginasião. Ambos guardando seus temores, ambos com as suas apreensões ocultas.¹³⁶

Notemos que, durante todo enredo, há um excesso de deslocamentos, vozes e histórias que se entrelaçam as de Alfredo e que permitem visualizarmos uma Amazônia caótica e desencantada, flagrada em suas desigualdades sociais e projetos falidos. O romance se desenvolve, sobretudo, em meio a um quadro social de ruínas e de conflitos, especialmente, conflitos identitários. Em *Ponte do Galo*, percebemos que a identidade das personagens, principalmente a de Alfredo, está sempre numa condição de incompletude e carregada de vazios. À medida que o protagonista traça um percurso em busca do reconhecimento de si, ele avança também pelo caminho do reconhecimento mútuo. Contudo, como exposto acima, trata-se de um reconhecimento fraturado e problemático, que não deixa transparecer uma identidade essencialmente plena.

Nessa interminável busca identitária, as obras de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum reescrevem e redefinem a própria noção de identidade cultural amazônica. E, embora sigam por caminhos distintos, suas narrativas promovem alterações significativas nas formas tradicionais de narrar e refletir sobre essa região, por vezes destacada como exótica – lugar de seres primitivos e tribais. Pensar a Amazônia a partir da perspectiva de suas personagens é pensa-la enquanto unidade múltipla e heterogênea, ocupada por diferentes povos, culturas e etnias.

¹³⁵ JURANDIR, Dalcídio. *Ponte do Galo*. São Paulo: Martins; Rio de Janeiro: INL, 1971; p. 23.

¹³⁶ JURANDIR, Dalcídio. *Ponte do Galo*. São Paulo: Martins; Rio de Janeiro: INL, 1971; p. 135.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de uma compreensão do ser e estar no mundo levou o sujeito por viagens cujo destino se tornou provisório e sempre em vias de transformação. Tal perspectiva, a nosso entender, se revela também por meio dos deslocamentos das personagens que protagonizam as histórias de *Ponte do Galo* (1971) e *Órfãos do Eldorado* (2008), as quais estão envolvidas em processos de identificação sempre inacabados.

Ao abordarmos o tema da identidade nos dois romances aqui escolhidos, nos foi possível observar as problemáticas em torno dos processos de identificação desses sujeitos ficcionais cuja imagem constitui-se numa visão parcial de si e do mundo. Nesse ponto, compreendemos que tais experiências convergem, de certo modo, com a nossa própria condição na contemporaneidade, de sujeitos descentrados, fragmentados e instáveis.

Ao longo do enredo de *Ponte do Galo*, a trajetória da personagem dalcidiana se constrói diante da impossibilidade de expressar-se em sua inteireza. Transgredindo os limites da sua própria essência, Alfredo vive o paradoxo de uma identidade que mal acabou de se formar já se desintegra no mesmo instante. Durante suas incursões, idas e vindas pelos meandros da memória, o protagonista vê-se confrontado com essa consciência de perda da própria identidade que se intensifica à medida que o ginasião vai conhecendo mais intimamente a realidade do mundo que o cerca. Ao seguir o trajeto percorrido por Alfredo, focalizamos as mesmas inquietações, afirmações e negações com as quais nos identificamos na contemporaneidade.

Neste caminho do reconhecimento de *si* desloca-se o protagonista de *Órfãos do Eldorado*, Arminto. Diante da decadência e ruína pessoal é que a imagem da personagem se constitui. Assim como no romance dalcidiano, aqui a memória se faz fundamental. É pelo lembrar da sua história de vida que percebemos a personagem em conflito diante da perda de referencialidades, deslocado daquele que seria o seu universo de ordem observamos, ao longo do enredo, a personagem em seu intenso processo de busca. Tentando unir os fragmentos de sua história, suas vivências coletivas e individuais, para então rastrear sua identidade.

Ao aproximarmos esses dois protagonistas, sem a intenção de fechar interpretações, percebemos o sujeito dividido entre permanência e desmoronamento da própria construção identitária. No contexto dos romances, deparamo-nos com uma história sempre em suspensão, ainda por finalizar e que se revela nos intervalos do retorno a um tempo e espaço da infância das personagens.

Esse percurso identitário dos protagonistas representa aqui um ponto de interseção entre ambos os romances. Embora a ficção de Hatoum tenha surgido algumas décadas depois das últimas publicações do *ciclo* romanesco de Dalcídio, cada um a sua maneira consegue imprimir em seus romances os questionamentos e transformações que acompanham o Sujeito e seus respectivos perfis identitário em permanente processo de moldagem.

Desta forma, podemos dizer que estamos diante de obras em diálogo com o sujeito pós-moderno. Sobretudo, como vimos, no sentido de questionar visões simplificadoras e homogeneizantes relativas às noções de identidade no contexto da atualidade. Temos representado nos dois romances analisados a complexa condição do homem e suas formulações sobre si, sem um núcleo estável, vivendo num espaço e tempo tão fragmentáveis.

Desse modo, compreendemos que as problemáticas humanas evidenciadas por meio da personagem dalcidiana se mostram tão atuais quanto as representadas pelo seu contemporâneo Hatoum. Com efeito, ao tomarmos tais considerações também visualizamos ambas as obras dentro desse contexto pós-moderno onde o processo de identificação, seja no plano ficcional ou real, está em constante processo de construção.

São as travessias de Alfredo e Arminto, em seus avanços e recuos, encontros e desencontros entre seus múltiplos *eus*, com o Outro e com o mundo. As mesmas que acompanham a realidade instável do ser em meio ao mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43^a ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BUENO, Magali F. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa**. Universidade de São Paulo – SP: 2002.
- BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CHIARELLI, Stefania. **Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum**. São Paulo: Annablue, 2007.
- CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. Introdução. In: CRISTO, M. da Luz P. de (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/ UNINORTE, 2007.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Entre o rio e o cedro: imigração e memória. In **Arquitetura da Memória: ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente, Dois Irmãos e Cinzas do Norte de Milton Hatoum**, (org.) Maria da Luz Pinheiro de Cristo. Editora Valer, Oficina das Artes, Manaus, 2007.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FREIRE, José A. T. **Entre construções e ruínas: Uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum**. Universidade de São Paulo – SP: 2006.
- FURTADO, Marli T. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. Universidade Estadual de Campinas- SP: 2002.
- GOULART, Audemaro Taranto. **Dalcídio Jurandir: o reino do mito, o mundo social e a sublimação estética**. In: *Asas da Palavra - revista de Letras* - Belém: Unama. v 13 n. 26, 2010/ 2011.
- GURGEL, Luiz Henrique. “Não há literatura sem memória”. **Na ponta do Lápis**. Ano IV, n. 8. AGWM Editora e Produções editoriais, p. 2-4, Junho/2008.
- GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12^a. Ed. - Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- HATOUM, Milton. **Contra o cinismo e o conformismo**. *Entre Livros*. São Paulo, Ano II, n. 17, p. 26-27, set. 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

JURANDIR, Dalcídio. **Ponte do Galo**. São Paulo: Martins; Rio de Janeiro: INL, 1971; p. 04.

LEÃO, Allison. **Milton Hatoum: Regionalismo revisitado ou renegado?** In: XII Congresso Internacional da ABRALIC : Centro, centros – Ética, estéticas. UFPR – Curitiba, Brasil: 18-22 de julho de 2011.

LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado**. Projeto História (17). São Paulo: EDUC, 1981.

MALIGO, Pedro. **Ruínas idílicas: a realidade amazônica em Dalcídio Jurandir**. São Paulo-SP: Revista USP, n. 13, 1992.

MOREIRA, Alex S. **A crítica literária aos romances Chove nos Campos de Cachoeira, Marajó e Três Casas e um Rio na imprensa do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Pará. Belém: 2015

NUNES, Benedito. **Dalcídio Jurandir: As oscilações de um ciclo romanesco**. In *Asas da palavra*, V. 08, N. 17. Belém-PA: UNAMA, 2004.

NEVES, Margarida de Souza. **História e Memória: os jogos da memória**. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). *Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador*. Rio de Janeiro: Access, 1998.

OLIVEIRA, Joanita Baú de. **As mil e uma noites de aninga e lama de Dalcídio Jurandir: a trajetória de aprendizado de um herói mestiço**. – Recife: O Autor, 2015.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Tradução de Rômulo Monte Alto. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

PANTOJA, Edilson. **Morte, desamparo, niilismo e liberdade: Abalo e entusiasmo ante chove nos campos de cachoeira, de Dalcídio Jurandir**. Universidade Federal do Pará. -Belém-PA: 2006. Disponível em: <http://www.dalcidijurandir.com.br/pdf/extremo.pdf>.

PELLEGRINI, Tânia. **Milton Hatoum e o regionalismo revisitado**. *Luso-Brasílian Review*: University of Wisconsin, v. 41, n. 1, 2004.

PIZA, Daniel. Perfil Milton Hatoum. In **Arquitetura da memória: ensaios sobre romances Dois Irmãos, Relatos de um certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/ UNINORTE, 2007.

PRESSLER, Gunter k. **Dalcídio Jurandir – João Guimarães Rosa. A crítica literária diante da nova feição regionalista**. *Asas da Palavra*. Belém: UNAMA, 2012.

PENALVA, Lorena de Carvalho. **Hibridismo cultural na Amazônia brasileira [manuscrito]: um estudo do romance Cinzas do norte, de Milton Hatoum**. Belo horizonte – MG: 2015.

RODRIGUES, Alcir. **Espaço ficcional no romance Ponte do Galo, de Dalcídio Jurandir.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará. Belém-PA: 2009.

SILVA, Maria Emília M. da. **Do mítico ao imagético: a espetacularização em Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum** In: Revista Kalíope. nº 14. São Paulo: 2011.

SILVA, Joana da. **Relações de Gênero no romance de Milton Hatoum.** Universidade Federal de São Joao Del-Rei: 2011.

TREVISAN, Ana L. **Tempo mítico e tempo histórico em Órfãos do Eldorado.** Revista FIKR - São Paulo: 2010.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: Temporalidade, Experiência e narração [recurso eletrônico].** 2. ed. – Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2014.

VIDAL, Elizabete de L. **Memórias de rios e de lagos na construção romanesca: leituras de narrativas da Amazônia paraense.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: 2008.

VIEIRA, Noemi C. Freitas. **Exílio e memória na narrativa de Milton Hatoum.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. - São José do Rio Preto : 2007.